

S. PAULO

MARÇO DE 1906

ANNO IV

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

DA

**ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE**

DO

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

---

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

---

NUMERO 5



SÃO PAULO

TYP. A VAPOR HENNIES IRMÃOS — RUA DO RIACHUELO NS. 14 E 16  
1906

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa á *Revista de Ensino* deverá ser dirigida ao seu redactor-secretario—**Augusto R. de Carvalho**—ou ao presidente da Associação, á rua *Santa Thereza*, n. 28.

CAIXA DO CORREIO, 183

## De quem a culpa?

*S. Paulo, março de 1906.*

Houve um tempo em que, no norte e no sul do paiz, em qualquer recanto civilizado do Brasil, quando surgiam aos labios e vinham á baila assumptos escolares — S. Paulo, «a terra querida de gloriosas tradições, patria de heróes e berço de guerreiros» — era apontado como pharol a projectar no espaço feixes de luz, mostrando a seus irmãos, attonitos e curiosos, a grande porta por onde se conquista o progresso e a entrada ampla do suspirado porto, em que desejam ancorar.

O nosso Estado era um grande livro aberto á rotina dos reformistas; era o rarissimo codigo em cujas paginas, que tanto trabalharam o espirito humano, se congregavam, muito seleccionadas, as mais sabias leis sobre o ensino popular e os mais acertados principios, que a iniciativa e longa pratica de alguns homens eminentes poderam estatuir.

Do Maranhão vieram commissões de professores estudar a nossa tão falada e divulgada organização pedagogica.

Desejou mesmo um influente politico desse longinquo Estado aproveitar os serviços de dois professores paulistas que, recompensados moralmente pela honra da commissão, seriam cumulados de garantias materiaes, no momento em que tomassem o compromisso de pôr em funcção, em tão remoto meio, a escola modelo annexa á normal.

De Minas e de outros Estados, avidos de luz, dessa luz que illumina a intelligencia e esclarece a razão humana; dessa luz que aperfeiçoa os sentimentos e remodela os caracteres, suavizando as indoles indomaveis e corrigindo as imperfeições do berço; de Minas, dessa terra em que a nossa patria admirou numerosas licções de civismo, partiram tambem alguns viajantes, para observar de perto a fonte de tão pasmosas referencias.

Não mais era mister — diziam — procurar no estrangeiro os modelos para monumentos didacticos; não era preciso encher o porão dos transatlanticos com extensos manuseriptos ou com volumosos *in-folio* em cujo contexto podiamos haurir ensinamentos proveitosos.

Poucos são os commissionados pelo governo que fazem jus á generosa remuneração dos patrões: a maior parte some-se nas cidades que visitam; identifica-se com os *boulevards* e volta como partiu.

Ir a S. Paulo era melhor que ir á Europa: era, pelo menos, mais economico.

— Porque? — perguntaria, talvez, algum patricio lesado no seu bairro.

— S. Paulo tinha um material escolar bom e bem apropriado ás creancinhas que o occupavam.

S. Paulo recompensava fartamente aos seus mestres, porque sabia que o professor não é suino que, como os mineraes, cresce de fóra para dentro, mas é sempre um *factor em evidencia* e observado, commentado quotidianamente; tem consideravel representação; não pôde trazer o desasseio no corpo nem no vestuario—o que o tornaria repugnante.

Miss Browne, um dia, respondeu a uma proposta que lhe fizeram para direcção de um grupo:—«Não, não! Ferreira não serve: Ferreira tem punho sujo!»

*Ex digito gigans* — diriamos nós então.

O professor é o missionario da sciencia, das letras e das artes, o cultor do civismo, sendo, pois, elevadissimo o seu encargo.

O professor é, como o presidente do Estado ou como qualquer secretario, um funcionario publico; serve ao Estado e não aos homens do governo: o Estado é uma entidade fixa e os homens—por maior que seja a auctoridade de que se acham revestidos—pôdem, em qualquer emergencia, ser lançados, por um turbilhão revolucionario ou politico, no esquecimento no ostracismo ou na valla das nullidades.

O professor não é laçao dos paes dos alumnos ou dos potentados, nem as mestras são amas seccas que se entisicam a mingua de recursos.

Por isso, ponderando essas pesadas razões, avaliando o preço de seus relevantissimos serviços—foi que Rangel Pestana e Caetano de Campos, Cezario Motta e outros, que não eram pedantes, nem trabalhavam por vaidade; que se cercavam de pessoal idoneo sem temor das sombras; que não eram reformadores *parvenus* ou de ultima hora—procuraram derribar os velhos templos, as archaicas instituições escolares, atacando, no recesso desses organismos senis, o virus da enfermidade chronica que os carcomia.

Sobre os escombros das suas demolições, edificaram elles o majestoso monumento do ensino moderno, da propria Europa desconhecido

Prestigiar o mestre, moral e materialmente; armal-o para a lucta, dando-lhe recursos, e para desempenho de sua espinhosa e nobilitante tarefa, tal foi a criteriosa e subida preocupação daquelles inegualaveis servidores do Estado.

Assim o comprehendeu tambem o povo, cobrindo de applausos o saudoso medico, que despertára um culto quasi idolatra e que a inveja acompanhou tão cedo á borda de uma sepultura.

Assim se foi o protector das escolas, o emerito politico e jornalista.

Um, companheiro e amigo do inimitavel educador João Köpke, morreu, quando estudava a refórma da Escola Normal.

Outro, democrata reconhecido, que não teve uma casaca para os dias solemnes do governo provisorio de S. Paulo; fluminense por nascimento, mas paulista nos sentimentos; que orientou o Povo, ensinando-lhe virtu

des civicas e o evangelho da Republica—collaborador de Köpke, cuja biographia escreveu, na *Escola Neutralidade, em que não se manipulavam drogas para confeitar doutores*—fugindo á megalomania da época—levou tambem para o tumulo, onde já o esperava a immortalidade, as bençams de uma geração inteira

É doloroso observar-se como, hoje, vai ruindo por terra o edificio que, com tanto patriotismo e abnegação, quasi foi terminado, sob o influxo de tão louvaveis esforços, que só visavam a Republica de facto e o bem-estar do Povo.

## O professor Dr. João Köpke.

Tem 31 annos este valente trabalhador.

Completa-os no dia 27 de Novembro.

Nasceu em Petropolis, onde residiu seu pae, o dr. Henrique Köpke, emigrado portuguez, soldado do Batalhão da Rainha, que se batêra pela causa constitucional, e fundador de um collegio nessa pittoresca cidade.

Formou-se em Direito em 1875, na Faculdade de S. Paulo; pretendeu seguir a carreira da magistratura e foi nomeado, em Novembro de 1875, promotor publico da Comarca de Faxina, depois removido, a seu pedido, para a de Jundiáhy e, em 1878, para a Comarca da Capital.

Não entrou no quadro da magistratura, porque poucos mezes serviu como promotor publico da Capital, fendo pedido demissão por dar preferencia ao magisterio.

\* \* \*

Casando-se no quarto anno do curso de Direito, ainda moço, teve de trabalhar para sustentar familia e proseguir nos seus estudos.

Por esse tempo, já o velho Köpke havia deixado o afamado collegio e, doente, não dispunha de grandes recursos para attender á educação dos filhos.

O joven academico soube vencer com seu proprio esforço as difficuldades que lhe faziam comprehender os espinhos da estrada a percorrer.

Bem preparado, viva attestação do que fôra o Collegio Köpke, onde o ensino das linguas principalmente era notavel, sendo raro o rapaz que dalli sahisse sem fallar inglez e

francez, pôde leccionar, durante o curso de Direito, alguns preparatorios.

Ao deixar a promotoria da Faxina, regeu com brilhantismo, no Collegio Rangel Pestana, nesta Capital, aulas de inglez, francez, italiano e geographia, dando fiel execução ao programma de ensino desse estabelecimento, destinado a ministrar uma larga e solida instrucção ás meninas.

Exerceu tambem o magisterio em outro collegio e abriu cursos particulares em sua casa.

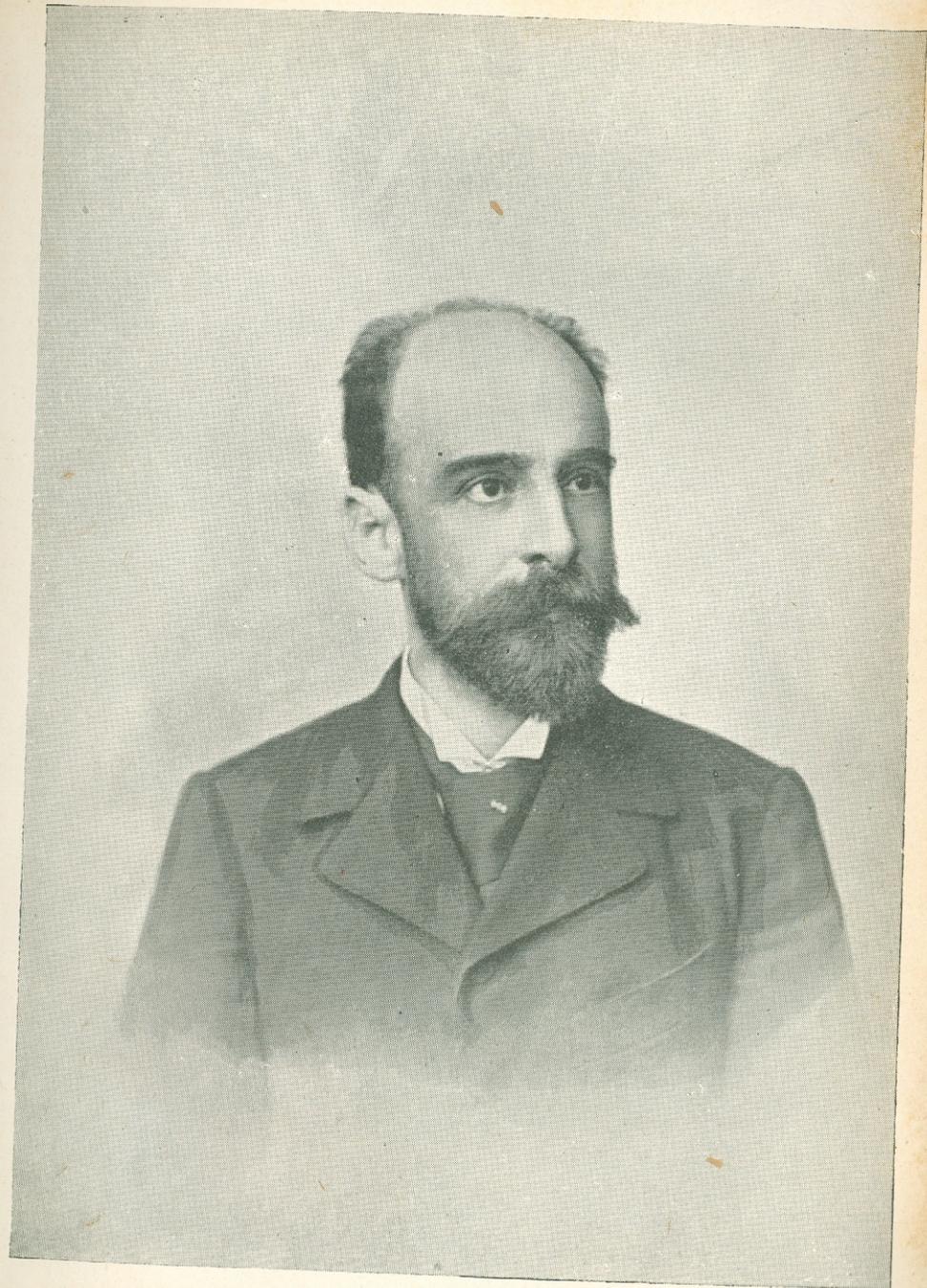
\* \* \*

Quando a sua aptidão já era conhecida e provada, foi nomeado por decreto, sem concurso, professor substituto de Philosophia, Historia, Geographia e Rhetorica do Curso Annexo á Faculdade de Direito.

Pouco tempo exerceu as funções de professor publico. Dentro do regimen do ensino official, adstricto aos pontos, o discipulo do velho Köpke de Petropolis não comprehendia a grandeza do magisterio.

Teve então oportunidade para conhecer quanto são tolas e absurdas as pretensões de muitos paes, que só querem vêr os filhos em exames. Viu mais que isso — a ousadia com que se propõe a compra do voto para a approvação de um ignorante e como officialmente se viola a lei e se abaixa o nivel moral em julgamentos que envergonham mais os que approvam do que os que passam ignorando a materia em que foram examinados.

Tudo isso o enojou e elle pediu demissão do cargo de professor substituto do Curso Annexo.



PROFESSOR DR. JOÃO KÖPKE

Contractou-se como professor do importante *Collegio Culto à Sciencia*, em Campinas, onde procurou executar seu plano de ensino.

Nessa cidade, por um trabalho pesadíssimo que começava às seis horas da manhã e terminava às nove da noite, repartindo o tempo com as aulas naquelle *Collegio*, nas de meninas da exma. sra. d. Carolina Florence e com as lições em casas particulares — o dr. Köpke chegou a ter um rendimento mensal de conto de réis.

Era afanosa a sua \* \* \* tarefa.

Não obstante, se punha em dia com os progressos da pedagogia e á sua custa mandava vir da Europa apparatus, mappas, quadros e collecções de objectos necessarios ao ensino intuitivo.

Em pouco tempo, a sua sala se transformou em um pequeno museu pedagogico. Só elle na provincia possuia o que ha de mais moderno para o ensino pratico.

Tive occasião de visitar o seu museu e de assistir a diversas experiencias dos seus apparatus de Physica e Chimica.

Observámos junctos algumas estrellas e o planeta Jupiter, servindo-nos de um telescopio que tinha postado no seu gabinete.

Para exercer o magisterio segundo a pedagogia moderna, o dr. Köpke tem estudado muito.

E' hoje um professor distincto e capaz de leccionar, com brilhantismo e excellente resultado, quasi todas as materias que constituem preparatorios dos cursos superiores.

O seu grande talento, porém, se manifesta em todo o esplendor no ensino primario, no preparo intelligente da creança para a comprehensão dos problemas que apparecem no correr da idade.

E' bonito — alegre e enthusiasma mesmo — vê-lo, carinhoso, perspicaz e activo, guiar o pequeno alumno no estudo da Geographia, da Geometria, da Botanica e dos elementos da Anatomia e Physiologia.

Diante dos mappas anatomicos ou das cartas geographicas, fazendo

descripções, e da pedra, traçando figuras geometricas e resolvendo problemas, admira-se o alumno e se applaude o mestre.

Só quem estuda a marcha do ensino nos paizes mais adeantados em civilisação e conhece as difficuldades de adaptação dos methodos aperfeçoados ao estudo de nossa mentalidade — comprehende o que ha de grandioso e paciente no individuo que consegue instruir assim as creanças.

E' força confessar, entretanto, que aquelle espirito reformador não se pôde accommodar a todos os meios; ás vezes lhe faltam os elementos que constituem a força que deve impulsionar um talento da ordem do laborioso e patriotico mancebo.

Não é novo isso, nem ha que extranhar.

A historia do pedagogismo nos apresenta as illustres victimas de tão nobres quanto justas dedicações pelo aperfeçoamento da humanidade. Desde Comenius até Froebel e Pestalozzi, é immensa a serie dos que se sacrificaram na lucta com a ignorancia.

Ha poucos annos elles encontraram na Europa e na America fiéis interpretes e sô agora entre nós se começa a sentir o effeito da luz que elles derramaram no mundo.

Para muita gente, os esforços do dr. Köpke accusam um defeito: o de constantes innovações.

Relativamente á *profissão*, avaliados esses esforços pelos redditos que deixa a *industria* de ensinar, o illustrado professor não fica isento da censura. Sob outro ponto de vista, porém, elle só é digno de louvores.

Nesse afan de construir, o dr. Köpke compõe methodos de ensinar e ler; organisa series de livros para leitura e trabalha em uma grammatica ingleza.

Juncto da esposa \* \* \* e filhinhos, a sua physionomia tem um quê de evangelico. Entre os discipulos, no tópo de uma sala, dirigindo uma aula, esse moço esbelto e louro nos faz lembrar um desses apóstolos da civilisação, que enchem, com o olhar

inteligente e activo, as escolas da patria do glorioso Horacio Mann.

Em um paiz onde a educação se effectua entre o scravo e o jesuita e escapa dos efeitos rudes e viciosos da escravidão para a influencia horrivel do achatamento intellectual produzido pelo fanatismo—deixa-se abafar pelos desgostos uma vocação tão notavel!

Já dissemos e repetimos hoje: um professor como o dr. Köpke tem um logar fatalmente determinado pelas necessidades do paiz: a Escola Normal.

O dr. João Köpke é, pois, digno de figurar na galeria dos nossos homens uteis, e sentimos immenso prazer fazendo-o apparecer aqui. (\*)

DR. FRANCISCO RANGEL PESTANA

De Campinas transferiu o dr. Köpke residencia para a capital e abriu, na rua da Conceição, um collegio para ambos os sexos — coeducando nelle porque a Familia coeduca — e que foi o mais notavel da epoca.

A *Escola Primaria Neutralidade* se propunha a educar no periodo da segunda infancia á adolescencia — dos 7 aos 18 annos — dando a cultura geral, que prepara para todas as especializações academicas ou de actividade pratica, sem se dirigir, contudo, pela acção official ou exigencias dos interessados, quando as julgue contrarias ás vantagens de uma solida instrucção.

O eminente professor sempre comprehendeu que educação é o desenvolvimento e a orientação de tudo quanto no homem o torna mais valioso para si e para a collectividade, adequando-o á suprema ventura de que é capaz no mundo.

De S. Paulo, onde pouco tempo, infelizmente, permaneceu e onde deixou numerosos amigos e admiradores, mudou-se de vez para o Rio de Janeiro e estabeleceu-se em Botafogo.

Ahi, sitiado por difficuldades de toda especie, reabriu a *Escola P. Neutralidade*.

(\*) Do *Almanach Literario*, S. Paulo, 1883.

Pobre, porque? Não sabe elle e não affirmava sempre que *mercar* é tão licito, tão honesto, tão necessario e tão moral como *instruir*? «Dos olhos da sã philosophia, o valor social do bofarinheiro é o mesmo que o do sacerdote. Metter, porém, Shylock dentro de Jesus; sobraçar a caixa da quinquilharia e apregoar o evangelho da doutrina; amocdar os lucros da mercancia e alcandoral-os em sacrificios do sacerdocio — isso não é licito, nem honesto, nem necessario, nem moral!»

A sua palavra sempre se alevanta, inflammada de indignação, «em reacção contra o mercantilismo, que degrada os mestres e annulla os discipulos, tolhendo ao futuro a salutar cooperação das gerações, que lhe transmittimos.»

Inflexível nos principios, abnegado a todos os commodos pessoases — assim se exprime elle nos exames geraes de 9 e 10 de fevereiro de 1888, que o *Instituto H. Köpke* apresentou á critica do publico:—Iniciei a minha carreira em 1872, quando ainda estudava direito. Duas vezes fui professor official investido do cargo de examinador, em S. Paulo, onde a tolerancia illegal desde o chefe do Estado até á ultima das auctoridades prepostas ao ensino, permite o monopolio do magisterio áquelles que, para aquisição de clientela, têm o engodo do voto de juizes; e duas vezes, da borda do charco, sobre o qual era bastante curvar-me e metter dinheiro na algibeira, afastei-me nauseoso, tolhido de pobreza, mas rico de consciencia, sacudindo para longe de mim essa tunica de juiz mercador, que me queimava os hombros só pela suspeita de que me julgariam pela bitola dos que, á sombra da desfaçada postergação da lei, prostituem um sacerdocio por engrossar proventos.

Fundando a *E. P. Neutralidade*, naquella provincia, tive a ventura de vêr acudir ao meu appello as familias já desesperadas de uma educação melhor para seus filhos, e,

mais por sua bondade que por merecimento proprio, o meu nome, repetido de coração em coração—achou, quando um motivo intimo me incompatibilizou com a capital, quem, gravando-o á frente do estabelecimento, continuasse, sob seus auspicios, a afanosa tarefa da elevação do ensino primario, e lhe fosse imprimindo, pela perseverança nos principios, a direcção, que constituiu aquella modesta officina na primeira instituição da nobilissima terra, onde abriram os olhos á luz da vida esses desdobramentos de minha alma, que para alli pipilam confraternizados com os meus discipulos, e os fechou para sempre ao firmamento do meu lar o filho, a quem eu já me desvanecia ditoso em legar o duro apostolado tão deficientemente exercido por seu humilde progenitor.

Transportado para esta cidade a 5 de Julho de 1886, a 31 do mesmo mez tinha no bolso um nickel de 200 reis e um preconceito tal de educação, que estava prompto a pagar com elle a passagem no bonde aberto, voltando a pé para casa, afim de aguardar na mudez da resignação, si as providencias de um amigo nada houvesse conseguido, o alvorecer das esperanças do dia seguinte. Do prelo, sabia, entretanto, o primitivo prospecto da *Nova Neutralidade* — e o *internato* e o *ensino dos preparatorios*, as duas melhores taboas a que pederia o naufrago apagar-se, eram repellidas.

—Loucura! — gritavam de longe os amigos, que me acompanhavam com a sua solicitude.

—Não retrocederei—replicava-lhes e prosegui. Seis bancos de dois lugares, comprados a credito na casa Lachaud, eram toda a mobilia da escola. A familia dormia no chão. A mulher, grávida de seis mezes, fazia a cozinha; as filhas, alegres dessa alegria despenada da innocencia, lavavam, como no mais delicioso dos brinquedos, a louça e a propria roupa. Situação alentadora, com as contas da venda, da padaria e do açougue a pagar no dia seguinte, para o desconhecido ganhar credito ainda por um mez!

Mas... Prosigamos: procurou-me então o sr. Manoel Lopes de Oliveira. Minha mulher o recebeu com a etiqueta solemne das côrtes majestaticas — de pé, pois sómente tinha caixões de livros para lhe offerecer como assento. Achei em casa um bilhete deixado por esse cavalheiro, pedindo-me que comparecesse no Hotel Giorelli. Obedeci á ordem; abracei o Maneco, meu discipulo, que partia para a Europa e, dalli a horas, minha casa recebia a mobilia, que ainda hoje a guarnece. São Paulo ainda me não esquecera, e a semente do bem, que alli plantei, veio fructificar ao longe nos dias tormentosos de minha angustia moral! Logo após, nesse dia 31 já mencionado, no momento em que ia dar ao conductor o ultimo real da fortuna, o carteiro entregou-me uma carta. Abro-a. Inclue uma letra de 1:000\$, e estas palavras: — *Ha de consentir que, sabendo das suas circumstancias, eu tome a liberdade de remetter-lhe a inclusa letra, como prova de gratidão ao que fez em prol de meus filhos, sem se preoccupar com o pensamento da restituição.* Assignava — Antonio de Souza Queiroz. São Paulo ainda me não esquecera, e a semente do bem, que alli plantei, veio fructificar ao longe nos dias tormentosos da minha angustia moral! Agosto, 26 — tres alumnos; Dezembro, 31 — dez alumnos; Março — vinte e quatro.

As despesas accumuladas haviam avultado; todos os recursos foram tentados para equilibrar a despeza; o relógio e corrente empenharam-se; mas tudo parecia inutil. São Paulo acenava-me com a partida para a Europa, onde devia acompanhar a educação de alguns antigos discipulos. Reluctei em abandonar a Patria, mas por fim cedi. Communiquei a minha resolução aos paes por meio de circulares, e estava escripta a carta pondo-me á disposição do sr. Antonio de Souza Queiroz, quando fui procurado pelo sr. Eduardo Guinle. Tinha-o visto apenas duas vezes: quando matriculou e quando trouxe um filho para a Escola. Conversámos; e o sr. Guinle, demovendo-me

a ficar, de harmonia com o sr. Conrado Jacob de Niemeyer, tomaram a si o auxiliar-me. A Escola mandou fazer a sua mobília; organisou as suas classes; constituiu o seu corpo docente e os 61 alumnos, que hoje conta, si della algum beneficio recebem, devem-n-o á generosidade de tão magnanimos cavalheiros.

A semente do bem, que tão prosperamente medrara em São Paulo, fructificou igualmente aqui, desvanecendo as sombras da angustia moral, que cobriam as minhas esperanças.

Fade-te bem a sorte, ó germen bemdicto! E si, para que elevas a fronde até ás regiões, onde anhelam por alçar-te os nobres intuitos daquelles que te alentaram com os quentes e luminosos raios de sua bondade, houveres mister da ultima gotta de energia desta alma, toda

tua, toma-a! Algum dia, quando á sombra dos teus ramos vier pousar-se das fadigas do eterno jornadejar o viajor indefesso, que se chama a justiça da historia — do ninho destas avesinhas canoras hoje abrigadas por seu viço, crescerá, crescerá e crescerá, meigo da meiguice dos afagos de esposa, doce da doçura dos beijos de irmã, suave da suavidade dos extremos de filho, um hymno de gratidão a celebrar-vos o nome — ó bemfeitores preclaros, que na esmola ao sacerdote enaltecestes a majestade da doutrina! »

\* \* \*

Hoje, no entanto, esse unico educador, que possui a Patria, é— official do registo geral e de hypothecas no Rio de Janeiro!

Só os nullos é que sóbem, fazendo sombra ao merito!

## QUESTÕES GERAES

### Ensino Integral

Os que se oppõem ainda hoje á pratica da instrucção integral e, por conseguinte, ainda não conseguiram libertar-se de um velho prejuizo, entendem que o ensino publico deve ser assim distribuido: para o povo, a instrucção primaria consistindo em ler, escrever e contar; para os candidatos ás profissões liberaes, algumas noções sobre sciencias e linguas, as quaes denominam estudo de *preparatorios*; para os que se destinam áquellas profissões, estudos especiaes sobre este ou aquelle ramo de conhecimentos, com a falsa denominação de *instrucção superior*.

Quando se objecta que o ensino deste modo proporcionado ao povo já não corresponde ás necessidades sociaes, tendo produzido um desequilibrio economico que cada vez se accentua mais, pensa-se geralmente que em tal conceito predomina a prevenção ou o espirito de rivalidade contra esta ou aquella classe.

Nós, porém, os que encaramos esta questão de ensino publico sob o ponto de vista exclusivamente scientifico, desde ha muito não nos preocupamos sinão com as suas consequencias sociaes, pondo de parte banalidades dos que se pretendem revoltar contra as leis naturaes que mostram á evidencia as relações de causa a effeito, de antecedente para consequente.

Effectivamente, á custa de se considerarem certos conhecimentos profissionaes como superiores, constituiu-se uma *aristocracia intellectual*, a que todos querem pertencer, não

recuando mesmo ante inauditos sacrificios e concorrendo, por outro lado, para que sejam desconceituadas as profissões dos que se consagram aos trabalhos agricolas e manufactureiros.

Consequencia politica: estando a direcção do paiz entregue a essa aristocracia, onde na mór parte dos casos se nos depararam mediocridades formadas em sciencia superior, os mais elevados interesses do povo — administrativos, financeiros, constitucionaes, commerciaes, agricolas, etc. — ficam á mercê da incompetencia enfatuada e da ignorancia presumpçosa.

Tudo então se resolve pelo empirismo.

Quer o nosso leitor um exemplo? Ah! estão as diversas reformas sobre instrucção publica, que se têm succedido e discutido no congresso legislativo deste Estado.

*Consequencia economica.* — Damos sobre tal assumpto a palavra ao illustre educador Alexis Bertrand.

Diz elle: « Mème en faisant abstraction du fléau du fonctionnarisme, le spectacle ne laisse pas d'être inquiétant. Trop peu de malades pour tant de médecins, trop peu de plaideurs pour tant d'avocats. La matière *processive* et la matière *agrotante* ne sont pas susceptibles d'une augmentation indefinie comme leurs correlatifs, les avocats et les médecins.

Que m'importe après tout votre sélection, si je n'ai que faire des produits qu'elle jette dans la circulation? Si l'on n'avait en perspec-

tive, dans cette concurrence furieuse, que la ruine et la chute des concurrents, je ne me consolerais pas aisément, mais je pourrais à la rigueur en prendre mon parti sur cette conviction cruelle que le dieu de la concurrence reconnaîtra les siens et que les vaincus ne sont victimes après tout que de leur propre aveuglement, mais quelle déperdition de force vive, à la suite de ces batailles dans l'obscurité où l'on tire sur ces compagnons d'armes, et quel amoindrissement du travail social!

La ruine et la décadence sont au bout. Ce qui est plus triste encore, c'est qu'après la bataille on ne dit pas: « honneur au courage malheureux », on se détourne, on passe en silence, sentant vaguement que la mêlée était plus acharnée qu'heroïque et que le drapeau ne portait pas une fière devise: chacun pour soi! (\*)

Por meio dessa falsíssima concepção do ensino publico, que não vê, ou não quer vê, que a instrução naturalmente se divide em *popular* — *integral*, *profissional* e *especial*, praticamente se tem chegado nos paizes da Europa e por, espirito de imitação inconsciente, nos da America latina, á formação de um *proletariado intellectual*, que mais do que qualquer outro factor, procura na organização economica da sociedade a causa unica de todos os males que actualmente a affligem.

Minada, comtudo, pelo que hoje se chama a *questão social*, a intolleravel aristocracia do saber, que na phrase de Stuart Mill degenerou em *pedantocracia*, ha de ceder, como de facto já tem acontecido, o logar ao

ensino integral, que considera todos os homens eguaes perante a sciencia e o desenvolvimento methodico das faculdades do espirito, da intelligencia humana.

O ensino integral é, além disso, o correlativo do suffragio universal. Sem elle, a Republica só terá poderes publicos constituídos por votos do funcionalismo ou apenas tolerados por um povo que não vota.

A verdadeira democracia consiste em tornar a instrução popular compativel com o trabalho manual, que dignifica e não colloca em plano inferior ao do trabalho intellectual.

Ante a equivalencia das funcções sociaes todas as profissões são egualmente nobres; os privilegios não têm razão de ser.

A. B.

(\*)—A argumentação de Alexis Bertrand deve-se applicar a todas as profissões liberaes, inclusive o magisterio publico e particular; porquanto, sob o ponto de vista economico, o trabalho material ou intellectual é uma mercadoria como qualquer outra, sujeita á lei da offerta e da procura. Supponhamos, com effeito, que a sociedade precisa de 200 carpinteiros e o Estado abre escolas em que se formam esses profissionaes. No fim de poucos annos a produção de carpinteiros se elevará a mil (seja essa a hypothese). Consequencia: o salario dos 200 ficará depreciado e os outros não terão trabalho. Léon Donnat entende mesmo que «si o Estado deve sustentar escolas profissionaes, tambem deve dar trabalho aos que dellas saem.»

Vê-se, pois, que a acção do Estado em materia de ensino profissional se acha relacionada com as circumstancias sociaes de cada paiz. No nosso, por exemplo, o Estado devia empenhar-se seriamente no desenvolvimento da instrução popular e da instrução agricola.

Bem cultivado, o nosso paiz produzirá o necessario para alimentar a humanidade inteira.

Antes de tudo, repetimos, o ensino profissional é uma questão economica: mal aproveitado, concorre para depauperar uma nação; bem aproveitado, concorre para a enriquecer.

A. B.

## PEDAGOGIA PRÁTICA

### Notas de Portuguez

#### II

#### MORPHOLOGIA GERAL E PORTUGUEZA

Definições das oito partes do discurso — sua ordem. — A interjeição. — Nome, sua divisão, substantivo, adjetivo; confusão dos grammaticos antigos, razão do facto. — O Pronome, substantivo. — O Verbo; controversia quanto á definição: Aristoteles; exprime sempre affirmação, acção, o tempo? — Divisão das particulas: razão. — Hypothese: o adjectivo determinativo não será melhor classificado entre as particulas? — A Interjeição: é uma palavra?

Passaremos, hoje, a definir, sem mais preambulos, as partes que constituem o discurso, começando pelo substantivo, como mais importante de todas.

*Substantivo é a palavra que designa pessoa, animal, cousa e qualidade em abstracto.* Entretanto, segundo os caracteristicos de uma boa definição, que é ser clara, breve, e reciproca, poderemos definir *substantivo* como sendo *todo nome de cousa*.

As cousas podendo ser concretas e abstractas, dão logar a divisão do substantivo em *concreto* e *abstracto*.

*Adjectivo é a palavra que se junta ao nome para exprimir uma qualidade ou uma relação.* Elle ou descreve ou limita o substantivo, ora de um modo determinado, ora de um modo vago.

*Pronome é a palavra que se põe em logar do nome para evitar a sua repetição, ou que a elle se*

*juncta para o determinar.* Esta é a melhor definição de pron me, porque a função dessa palavra não é unicamente evitar a repetição do nome. Ella tambem pôde determiná-lo, como demonstram os seguintes exemplos: «Té tu, Bruto;» «O' tu, Camões;» «Eu, Fulano de Tal;» etc.

*Verbo é a palavra que diz uma cousa de outra em uma dada epocha.* Devemos ao grande Aristoteles esta sabia definição, que resume galhardamente todas as funcções verbaes. O verbo não exprime unicamente affirmação: pôde tambem exprimir negação. Não exprime unicamente acção e nem tão pouco tempo. Na sentença: «Pedro é bom—» dizemos existir em Pedro a qualidade de ser bom — no presente, no passado e no futuro.

*Adverbio é a palavra que se junta a um adjectivo, a um verbo ou a outro adverbio para exprimir uma circumstancia.* A presente definição, synthetizando a função do adverbio, não pôde deixar de ser reputada como perfeitamente scientifica.

*Preposição é a palavra que, anteposta a outra, exprime uma relação.* Em «Casa de Paulo» — a preposição DE exprime relação de posse; em «Copo d'agua» — a mesma preposição exprime relação de conteúdo; em «Estudo com Nestor» — a preposição COM exprime relação de companhia.

*Conjunção é a palavra que, posta entre outras, ou as liga, ou as subordina entre si.*

*Interjeição é uma palavra breve e viva que exprime as emoções subitas da alma.* Muitos grammaticos classificam esta palavra em primeiro lugar, lembrando assim a sua preponderancia chronologica; mas, laboram em erro os que assim procedem, porque a interjeição é a palavra por excellencia — a synthese de todas as outras.

« Toda palavra desperta uma idéa; toda idéa exprime um sentimento ». As palavras, sendo o resultado do sentimento, naturalmente não de agir sobre elle. Nestas circumstancias, a interjeição é mais que uma simples palavra: ella é o esboço da linguagem propriamente dicta!

O NOME não abrange sómente os substantivos. Elle pôde ser: *substantivo, adjectivo e pronominal.*

Os grammaticos antigos confundiram por muitos annos o substantivo com o adjectivo. O conhecimento preciso das funcções do adjectivo, entretanto, veiu dissipar todas as duvidas. Em — « Homem leão », por exemplo — a palavra *leão* é um simples adjectivo, synonymo de — *bravo, valente*, etc.. O adjectivo, por seu turno, pôde perder a sua funcção característica, tornando-se tambem substantivo; exemplo — « O miseravel... » — que exprime tanto substantivo como adjectivo.

Os adjectivos limitativos, entretanto, não possuem essa facultade e como exprimem relações poderiam ser classificados entre as particulas.

O pronome equivale muita vez a um substantivo e muita vez a um adjectivo. Exemplo — « Eu estou bom »; « té tu, Deodoro... » Na primeira hypothese tem elle mais força que o proprio substantivo.

As particulas exprimem varias especies de relações. Os adverbios, as preposições, as conjunções e as interjeições pertencem a esta categoria.

Ha uma tendencia muito accentuada para a unidade grammatical. Assim é que já se tem cogitado de incluir os adjectivos descriptivos na classe dos substantivos ou antes

dos nomes e os limitativos, na classe dos adverbios.

Capital: 18—II—906.

LUIZ CARDOSO.

## Electricidade

### IV

#### Suas idéas fundamentaes e sua applicação technica

(Continuação)

Emquanto o conductor está interrompido, si uma torneira estiver fechada no tubo ou si existir uma camada isolante de ar no tubo metallico, entre as suas extremidades — existirá em ambos os casos differença de pressão dos dois lados; porém nem a agua nem a electricidade pôdem obedecer á pressão, isto é, as moleculas de atrito não pôdem escoar. Estabelecendo-se a communicação — ou abrindo a torneira ou ligando os dois arames em — *S* —, estarão dadas as condições para gerar uma corrente de agua no tubo e uma corrente electrica no arame.

— Mas, si da placa de cobre se desprendem constantemente moleculas de atrito, donde virá a substituição, si a operação tem de continuar?

— Perfeitamente: virá de um processo que denominamos chimico em um elemento. O acido, quando o elemento trabalha, dissolve constantemente o zinco; ao mesmo tempo, moleculas de atrito se vão passando para a solução. Essas moleculas não pôdem, tão pouco como a agua, ser comprimidas. Uma quantidade igual passa-se por isso para a placa de cobre ao mesmo tempo, bem como o gaz hydrogenio desenvolvido juncto a esta, de modo que o movimento ou deslocação tambem se opera dentro do liquido entre as placas de zinco e cobre. O processo chimico mantém, por isso, a corrente electrica, e opera, como acima, no sentido da acção das mãos. O

elemento actúa como uma bomba de compressão e aspiração. A energia chimica, accumulada na placa do zinco, que é gasta durante a operação de dissolução do zinco — uma especie de combustão — transforma-se em energia electrica que se escôa, e esta por sua vez na sua passagem pelo arame e pelo elemento, devido ao atrito, se transforma em calor.

— Penso ter comprehendido a operação no elemento, mas dizei-me: é a electricidade fornecida pelas machinas, da mesma natureza que as fornecidas pelos elementos?

— De certo. E' a mesma, porque não ha sinão uma especie de electricidade.

— Bom: sei disso. Mas é comum fallar-se sempre em *electricidade positiva* e *electricidade negativa*: como é que se combina isto com o que acabaes de dizer?

— Segundo o nosso modo de vêr isto não é sinão a maneira de representar a existencia de uma differença de pressão electrica. O lugar, donde a electricidade tende a escoar-se, chama-se *positivo*, e o outro para onde se escôa, *negativo*. Com a agua as circumstancias eram identicas, sem que distinguíssemos duas qualidades de agua na Fig. 1. Insufficiencia relativa em um e superabundancia relativa em outro — explicam os processos tão bem ou melhor do que admittir-se duas qualidades de liquidos.

Aquellas denominações de positivo e negativo não indicam sinão a direcção de pressão. Denomina-se, por isso, *polo negativo* o lugar na placa de zinco onde entra a electricidade e, *polo positivo* do elemento, ou da bateria quando mais de um elemento estão combinados, o lugar da placa de cobre a que se prende o arame, donde se escôa.

Deveis, por isso, concluir dessa nossa explicação: a electricidade nunca é *mais* nem *menos*, nunca é creada nem consumida; todas as fontes de electricidade, sejam quaes forem, servem sómente para pôr a electricidade em movimento; a ele-

ctricidade ou as moleculas de atrito, que, segundo admittimos, não se deixam comprimir — semelhantemente á agua já existem por toda a parte; pelo processo que gera a corrente electrica, apenas ellas são postas em movimento por orbita determinada.

Esta orbita que submettemos ás nossas pesquisas, é, em todos os casos, formada pela fonte de electricidade com a sahida em — *A* — e entrada em — *E* — em ligação ou communicação com o conductor, que une esses dois pontos. Cessando o processo que produz a corrente, a electricidade, desapparecendo tambem, apenas fica parada ou passa para o estado de repouso, porque o atrito que se oppõe ao seu movimento não é vencido por uma força electro-motora. As circumstancias aqui tambem são identicas ás do nosso modelo de agua — fig. 3 — onde tambem a agua não é *mais* nem *menos*, nem creada ou consumida.

— Parece-me, realmente, muito importante essa observação, porque até agora pensei que a electricidade fosse creada pelas machinas; agora o processo me surge sob um ponto de vista todo differente. Como acontece a todos os leigos, a razão que se me afigurava antes era outra e parece devida á denominação que se dava antigamente á electricidade. Naquelle tempo quasi se occupavam da electricidade por atrito, tanto como me recordo.

— E tendes nisso toda a razão. As manifestações como se produzem, principalmente nas machinas de electrizar, parecem indicar, no primeiro momento, uma geração directa de electricidade, apezar de que isto esteja em completa opposição a todas as leis da natureza, entre ellas a que tracta da conservação da energia. Tambem esta se explica de modo mais natural e facil, segundo o nosso modo de vêr, como percebeis pela fig. 1.

A differença principal entre as manifestações de electricidade de atrito e electricidade galvanica, é

apenas de graus. Naquelle, a quantidade de electricidade posta em movimento é muito insignificante e a tensão, porém, muito alta; nesta, se dá o contrario. Lá se tracta de deslocamento electrico que se pôde considerar corrente, de pequena duração com grande tensão; aqui, corrente permanente sob pequena pressão.

A.

## Paginas Civicas

### Fórmulas de Governo

A Nação Brasileira adopta como fórmula de governo, sob o regimen representativo, a Republica Federativa proclamada a 15 de novembro de 1889 e se constitue, por união perpetua e indissolúvel das suas antigas provincias, em Estados Unidos do Brazil. (Art. 1.º da Const. Federal.) (\*)

Não pôde haver sociedade sem governo.

Quem não sabe que as abelhas se associam e têm uma rainha unica na colmeia?

Em cada colonia desses insectos, ha uma abelha mestra.

Todos os animaes, que vivem associados, como os bugres e outros selvagens, obedecem a um chefe, que se impõe pela força ou pelo lustre das proezas e representa a maior autoridade das tribus: o cacique é quem dirige os individuos de nossa Patria. Chama-se tambem morubichaba e o seu prestigio torna-se maior principalmente nas guerras.

Cada sociedade esportiva, musical ou dansante, tem a sua directoria, que é o seu governo.

Uma familia é uma sociedade em ponto pequeno, cujo chefe recebe dos filhos o nome de pae.

Faltando o pae, governa a casa ou a sua mulher, ou o filho mais velho.

Uma nação é uma familia em ponto grande; é uma associação de indivi-

duos e deve ter tambem o seu governo.

Na familia, como na Patria, todos falam a mesma lingua e seus costumes são eguaes.

Como a familia, a nação tem seus hospedes — os estrangeiros — a que suas leis protegem.

— Como se pôde governar tanta gente de vontade e de sentimentos tão diversos?

— Como se governam todos os cidadãos, todos os individuos de um estado?

Pôdem ser governados por tres modos ou por tres fórmulas de governo: por uma *monarchia*, por uma *oligarchia* ou por uma *democracia*.

\* \* \*

Monarchia — é o governo de todos por um.

Esse — um — é ou *rei* ou *imperador*, pertencente a uma familia privilegiada, na qual a ignorancia descobre até um novo sangue: *o sangue dos reis é azul!* — como dizem quasi sempre.

O membro dessa familia, que governa, chama-se tambem *soberano* ou *monarcha* e della recebe o direito de governar.

Morrendo o monarcha, passa esse direito a um herdeiro ou successor.

O povo não pôde escolher o seu rei: este lhe é imposto pelo sangue ou por um privilegio de familia.

Essa familia, com todos os seus avós e filhos — essa successão de reis — forma o que se chama uma *dynastia*.

Ha duas especies de monarchia — monarchia *absoluta* e monarchia *constitucional representativa*.

Em qualquer dellas, o monarcha ou rei recebe diversos nomes, conforme o paiz que dirige.

Si governa uma pequena monarchia, elle se chama mesmo rei e o paiz é um *reino*; si administra uma vasta extensão de terra, com milhões de habitantes, se denomina imperador e o seu paiz é um *imperio*.

O rei e o imperador de alguns estados têm nomes especiaes.

Assim, no Imperio Turco, o imperador se chama *sultão*; no Egypto

*chhediva*; na Persia, *schah* ou *schach*; na Abyssinia, *negus*; em Marrocos, *bey*; na Russia, *czar*.

A monarchia é absoluta, quando o soberano governa sem constituição, isto é, sem um regulamento, sem redeas; governa á vontade; faz o que entende e dispõe da vida e da liberdade dos cidadãos. Os cidadãos, em uma monarchia, se chamam *subditos* ou *vassallos* do rei. Subdito ou vassallo quer dizer escravo: o povo é escravo dos reis!

Na monarchia absoluta, só ha uma vontade, que é a do rei ou imperador.

Este se chama, então, *autócrata*. O autócrata é lei e governo ao mesmo tempo; a sua divisa é — *O Estado sou eu* — como disse um rei da França: *L'Etat c'est moi*. Lê-se: *lê-tá ce mói*.

A monarchia absoluta se chama tambem *absolutismo* ou *despotismo*: o imperador é absoluto ou despota.

A monarchia é constitucional representativa, quando o rei não faz o que entende: seus actos são regulados por uma *constituição*, que é como os *estatutos* da grande sociedade politica chamada Estado.

Constituição é o conjuncto de leis que fazem dos individuos um só corpo, que fazem dos brasileiros uma só nação, um só todo.

Pela constituição é que se sabe qual é fórmula de governo do paiz e como estão estabelecidas as leis que garantem as liberdades do Povo.

A constituição se chama tambem *Estatuto fundamental*, *Lei das leis*, *Codigo fundamental* e *Codigo politico*. A constituição da Republica do Brasil foi dado ao Povo no dia 24 de fevereiro de 1891: eis porque não se trabalha nesse dia.

Na monarchia constitucional representativa, o imperador ou o rei é auxiliado, no governo, por um grupo de representantes do Povo, que fórmam a *camara*.

Quanto mais civilisado é o Povo, tanto mais moderno e natural é o seu governo.

A monarchia absoluta é o governo dos povos atrazados, rebeldes ao progresso da civilisação e que vivem ainda em completa anarchia, num estado politico meio primitivo.

A monarchia constitucional é um degrau intercalado pelos homens entre dois regimens naturaes — o *absolutismo* e a *republica*.

A Russia é uma monarchia *absoluta*; a Allemanha é uma *monarchia constitucional representativa*; a França é uma *republica*. Para ser republica, precisa a Russia ser primeiro o que é a Allemanha, isto é, precisa passar pelo regimen intermediario.

A monarchia constitucional é um degrau artificial, anormal; é um estado provisorio ou um *adoçamento* do despotismo ou uma *attenuante*: *não é uma solução*.

Em todas as monarchias ha um monopolio de governo por parte do rei.

O Brazil era uma monarchia constitucional representativa: o seu imperador era um bom homem.

\* \* \*

Oligarchia — é o governo de todos por alguns: é a prepotencia de grupinhos; é a hegemonia de pequenos partidos politicos.

Um paiz ou estado não pôde ser dirigido por meia duzia de senhores poderosos.

A oligarchia é um governo excepcional, antipatriotico e raro, pois quasi sempre provoca promptas reacções e pouco dura.

\* \* \*

Republica — é o governo de todos por todos.

*Res publica* — é coisa publica, que pertence a todos, que não é nem pôde ser privilegio de ninguem.

A Republica é uma fórmula de governo que resolve as aspirações dos povos modernos: pôdem, apenas, degradal-a, retorcendo-lhe os preceitos e os dogmas, o descripterio e a ambição dos homens.

*Res publica res populi* — como se dizia nas antigas cidades democraticas, em Roma e na Grecia: *coisas publicas coisas populares*.

Democracia ou republica é o governo do povo pelo povo: é a auctoridade do povo.

(\*) O professor escreve no quadro negro o Art. 1.º da Constituição Federal e dá á classe uma lição de instrucção civica: fórmulas de governo.

A republica é a fôrma de governo que tem por base a egualdade humana; não se separa nem se distingue da nação, porque a republica é a propria nação: a Republica é a Patria.

Na democracia, o governo não é imposto por nenhuma familia de *sangue azul*, nem por meia duzia de senhores potentados.

A força da republica é a vontade da nação; é a vontade do povo; é o voto popular; é o *suffragio universal*. Suffragio universal—quer dizer approvação, escolha geral, ou escolha nacional.

Na republica, cada cidadão pôde escolher quem quizer para o representar nas câmaras ou no governo; o povo escolhe, não só os cidadãos que devem dirigir os municípios, como tambem o presidente do Estado ou o chefe da Nação.

Escolher é eleger: o povo vota ou elege quem entende.

Escolhe directamente o cidadão que acha apto para seu representante ou para dirigil-o, orientando as opiniões, durante um certo tempo determinado.

Ha duas especies de democracia ou de republica: *democracia unitaria* e *democracia federativa*.

A França é uma Republica unitaria, parlamentar; o Brasil é uma Republica federativa.

A republica é unitaria, quando o município ou os estados não são governados por si mesmos; os poderes se concentram numa só aucto-

ridade, que é presidente da republica. Na republica unitaria, ha um poder, uma auctoridade central, que absorve todas as energias sociaes e toda a autonomia dos poderes locaes que deixam, por isso, de existir.

A Republica unitaria pôde ser tambem *parlamentar*, quando o chefe do Estado governa com o auxilio dos ministros, que precisam da confiança dos representantes do povo ou do congresso.

Cada município e cada estado, tendo mais actividade e energia que outro, progride tambem differentemente; uns são mais ricos que outros; e, no emtanto, a republica unitaria não reconhece essa distribuição de energia — pouco se importando que um estado ou município se avantage aos outros e os governa como qualquer outro. São Paulo sempre progrediu e, no emtanto, sempre era governado e administrado como qualquer Estado atrazado do Brazil. Em vez da riqueza se localisar e reverter em beneficio da propria localidade — escôa-se toda para o thesouro geral: ha a fartura no centro e a pobreza nos estados e municípios. Eis porque é condemnado o unitarismo ou a centralisação.

A democracia unitaria é uma passagem, é um regimen de transição, é um degrau artificial entre a monarchia constitucional e a Republica federativa ou a federação.

A. R. DE C.

## DIVERSOS

### Discurso

pronunciado pelo

dr. Dino Bueno,

na Escola

« PRUDENTE DE MORAES »

Srs. professores complementares.

— Agradeço-vos a lembrança do meu nome para figurar nesta solemne cerimonia, em que o Estado de S. Paulo vos investe na gloriosa missão de ensinar ás creanças.

Acudiu-vos certamente á memoria a criação desta Escola Complementar, e quizestes honrar o secretario do interior, que a subscreveu em 1897.

Do imo do coração agradeço-vos a lembrança; mas quero tambem e devo felicitar-vos pela nobreza de sentimentos que com isso revelaes.

No momento em que ides deixar a Escola que viu passar a vossa adolescencia, e que hoje vos sagra professores publicos do Estado de S. Paulo, tendes todo o vosso pensamento voltado para essa mesma escola, abrangendo-a com carinho e veneração, em toda a sua existencia desde o acto que a creou, acompanhando-a em toda a sua vida gloriosa e fecunda, até o presente instante, em que no meio destas festas, ella vae assentar o primeiro marco miliario da vossa carreira publica.

Demostreaes com isso, de modo inilludível, o amôr que lhe consagraes, a gratidão que vos rende, sentimento que constitúe o acto su-

premo da alma e que faz a obra prima do homem.

Felicito-vos com todas as véras da alma, assim como tambem felicito á sociedade, que alegremente vos recebe hoje em seu seio, apparelhados para a missão do ensino publico, porque é principalmente sobre o sentimento do amôr que haveis de fundar a missão que ora recebeis.

E' o amôr o principio creador de todas as coisas, e vós, srs. professores, recebeis hoje a missão de crear homens para a sociedade.

Será possivel conceber tarefa de relevancia maior para a sociedade, encargo de maiores responsabilidades para quem o recebe?

Bem vejo que tendes, a empannar a claridade das alegrias que povoam hoje o vosso coração juvenil, o temor das responsabilidades que aceitaes. Mas dáe largas ás alegrias de hoje, que são muito justas pela terminação da vossa carreira escolar, pela ambicionada coroação dos vossos esforços, além de justas, duplicadas ainda pelas alegrias de vossos lares, e não vos arreceeis do futuro, vós, srs. professores complementares, que acabaes de dar uma prova tão accentuada do amor que votaes á Escola que ides deixar, uma nota tão decisiva da elevação suprema do vosso animo.

Praticae com amôr a missão que recebeis. Praticae-a com amor á escola que vos fôr confiada, com amôr ás creanças que vos fôrem entregues, com amôr ás lições que lhes ministrardes, com amôr ao Estado que vos consagra apóstolos do ensino,

com amôr á Patria, á qual tudo devemos, até o sacrificio da vida. E desse modo caminhareis com desassombro, contemplando alegremente a fecundidade da vossa obra.

Para bem desempenhal-a, procurae comprehender a missão que recebeis — a de crear homens para a sociedade — missão que tendes visto praticada pelos vossos estimados professores, que, neste momento, vos contemplam, cheios da intima satisfação que traz o dever bem cumprido, rodeados dos applausos e das flôres, que a sociedade paulista aqui veio hoje espargir neste recinto.

Na realisação desse intuito, não podereis extremar a instrução da educação. Tudo se prende nesse assumpto de tal modo que não é possível produzir um homem instruido que não seja educado, como é impossível produzir um homem educado que não seja instruido. Para conseguir o vosso intento tereis, portanto, de *instruir* e de *educar*.

Pelo conceito de Juvenal, a sagedoria antiga definia a vossa tarefa como aquella que tem por fim crear mentes sans em corpos sãos — *mens sana in corpore sano*.

Passaram os seculos sobre essa definição; cresceram as luzes da humanidade de modo prodigioso; o mundo dilatou-se e as sociedades transformaram-se; mas a sagedoria dos tempos actuaes não diz outra coisa quando, pela penna de Spencer, affirma que a vossa tarefa consiste em fazer da creança *um bom animal*, isto é, um corpo são, robusto, resistente, e desse bom animal *uma pessoa*, isto é, uma vontade e um character, isto é um homem capaz de decidir-se por si, nas mais faceis, como nas mais difficeis emergencias da vida, capaz de perseverar na decisão assentada, quaesquer que sejam as difficuldades que encontre, e de julgar-se, só por isso, altivamente feliz.

Para attingir a esse escôpo, tereis de curar com affino da educação physica das creanças.

Será necessario incutir-lhes no animo, como um dos primeiros deveres humanos, a conservação da saú-

de: ensinar-lhes a encarar como um verdadeiro e grande *peccado physico*, na expressão de Spencer, qualquer menospreço, ou qualquer damno voluntariamente causado á saúde do corpo pela infracção dos preceitos da hygiene.

Será de mister que lhes ensineis a amar os exercicios physicos ao grande ar, graças aos quaes, como ensinam os hygienistas, ellas conseguirão, para o organismo individual, a eliminação dos toxicos e oxygenação do sangue, como ainda lograrão iniciar-se no exercicio da actividade propria e serão levadas a adquirir a energia, a precisão, a certeza dos movimentos necessarios, habilitando-se a chegar á virilidade capaz de sustentar as luctas da vida e de fazer a grandeza da nação.

Esse processo, srs. professores transformou em poucos annos a raça ingleza, apresentando-a hoje só feita de musculos, contra a obesidade com que ainda ha pouco era caracterisada nas revistas do mundo; e tanto engrandeceu a nação que levou a — Kingsley — um dos seus estimados pensadores, a conceber a educação physica como a base verdadeira da educação moral, a affirmar que tudo quanto fortifica o corpo fortifica tambem o espirito, a querer mesmo, que sejam os musculos a fonte da honestidade individual.

Todavia, ao ministrardes às creanças o ensino detalhado pelo programma official das escolas, não deixeis, um só momento, de ter presente ao vosso espirito, amparado por uma vontade firme e constante de bem cum ril-o, o grande dever que vos incumbe de suscitar e de, com rematado desvelo, crear, em cada um desses pequeninos corpos sãos, uma personalidade real, isto é, uma vontade, um character, uma alma nobre, forte, franca, verdadeira, independente.

Para isso não haverá melhor do que fazer da escola a imagem mesma da nossa vida, e Taine, o grande pensador francez, não dizia outra coisa, quando, criticando as escolas do seu paiz, affirmava que,

entre a escola e a vida, deve haver sempre a maior concordancia.

Si na sociedade tem o homem a direcção e a responsabilidade da vida, si lhe cumpre, através dos bons combates travados com as asperezas e as difficuldades occorrentes, conduzi-la, sempre com galhardia, ao bom triumpho — será preciso que na creança suscite logo a escola essa faculdade directiva, que nella a exerceite e desenvolva, com o sentimento da responsabilidade propria, lançadas desse modo as bases para aquisição solida da bôa razão, do bom senso, e da vontade firme, que a devem apparelhar para as luctas da existencia.

Sêde cautos na disciplina da escola.

Não olvideis que a disciplina discreta dará logar ao exercicio que fortalece a vontade, e produz a acção — principio da virilidade — com todos os seus resultados, inclusive o da responsabilidade, para a qual, deante das creanças, confiadamente deveis sempre appellar com os argumentos da honra e da dignidade.

A indiscreção da disciplina, a desconfiança com que seja exercida, a vigilancia interessante sobre os menores actos das creanças — produzirão com certeza o constrangimento moral de todos os instantes; abafarão a iniciativa, tolhendo o surto dos primeiros vôos infantis; supprimirão a vontade; eliminarão a acção: não haverá melhor meio do que esse para substituir as qualidades naturaes por vicios artificiaes, que a situação creada fará necessarios, para produzir a hypocrisia e a mentira, para fundar a educação homicida, que a philippica de Laprade ataca com tanta vehemencia.

A mentira avilta a dignidade, degrada o character, produz a fraqueza da alma, abrindo a porta a toda a sorte de covardias: com estudo e com zelo indefesso, será mister combatel-a.

Ensinae ás creanças a praticar o culto da verdade, á qual em todos os momentos e em quaesquer emergencias, devemos sempre escrupuloso e absoluto respeito, á qual de-

vemos amar, ainda nos espinhos que possa ter, ou nas feridas que possa produzir, porque ella eleva e dignifica, engrandece e fortifica o homem.

Srs. professores complementares, ha muito poucos annos, um joven professor, abrazado de amôr pela sua profissão e affirmando a these que o fim do ensino é a educação moral pela instrução, escreveu em uma revista franceza a comprehensão que tinha da sua missão. Para professor — dizia elle — é preciso ter uma alma, que, independente de regras, de factos ou de palavras, se apodere da alma molle e tenue das creanças; que a conduza consigo, transmittindo-lhe a ambição e a força de vôar com as suas proprias azas, de vôar direito e de vôar alto. Teria — continúa elle — já em grande estima a nossa missão si só tivéssemos de fornecer á sociedade espiritos solidos e laboriosos, determinados; mas essa não é a nossa verdadeira tarefa: uma outra se nos impõe, humana, social: ao sopro do nosso ensino devem brotar sentimentos generosos, corações devem pulsar, almas devem crescer, homens devem surgir.

Eu não poderia dizer melhor sobre a missão do professorado, do que esse vosso joven confrade, cheio de talento e de ardôr, e animado da mais viva confiança nos resultados do seu trabalho.

Ahi a temos deante de nós, vivamente esculpida nessas palavras cheias de calor e de patriotismo.

Vêde por ella, sras. professoras, a bôa parte que vos cabe na tarefa; a vós, sras. professoras, a quem a natureza deu o dom da graça e a flôr do sentimento, e a quem o Estado confia principalmente a educação das futuras mães de familia, que serão das melhores collaboraras da escola nessa grande obra social.

Vêde por ella, srs. professores, que não ha funcção, mais do que a vossa, que possa ter importancia no ponto de vista dos progressos futuros, não direi só da nossa sociedade, mas mesmo da nossa es-

pecie: é della que poderão vir o vigor dos costumes domesticos para fortalecer e felicitar a familia, as virtudes sociaes para erguerem a sociedade, e os milagres inesperados de progresso, que, á vista da historia contemporanea, têm feito, no pequeno espaço da vida de um homem, a grandeza dos povos e o esplendor das nações.

Um celebre politico chileno, ha muito poucos annos, visitou a nossa capital; admirou e progresso das nossas escolas, e, numa dellas, disse em allocução entusiastica que proferiu:

— Só agora eu vejo bem o futuro que está destinado ao Brasil.

Foi-lhe preciso vêr a nossa escola para vêr bem o nosso futuro.

Pois bem, srs. professores, é esse futuro que passa dora avante a ser confiado aos vossos cuidados e aos vossos esforços.

Praticae com amôr a missão que recebeis; trabalhae com devotamento e com confiança e tereis correspondido á confiança do Estado, que vos sagra hoje professores. A vossa obra será fecunda e tereis merecido as palmas da sociedade em que vivemos e as bençams da posteridade.

Tal é o voto ardente do vosso paranympo.

## A Dissonancia

Conferencia pronunciada pelo prof. Luigi Chiaffarelli na noite de 11 de janeiro de 1906, no Salão Steinway.

Senhoras.

Senhores.

Podia ter chamado a minha despretenciosa palestra — *O som e o ouvido humano*.

Decidi-me pelo titulo — *Dissonancia* — para o publico não temer uma lição de Physica e Physiologia.

Desejo mostrar facilmente a necessidade de um ouvido normal para a gente poder seguir com atten-

ção qualquer musica e de um ouvido educado pelas audições para poder fortemente gosar as delicias da Arte musical.

Para corrigir os defeitos da vista, se inventaram: os oculos para as pessoas de certo peso, os irrequeitos *pince-nez*, a *marquise* ou luneta indagadora e ás vezes impertinente, o commodo binoculo, o telescopio estupendo e o microscopio maravilhoso.

Para o ouvido não temos instrumentos tão diversos e tão uteis

Verdade é que os meio-surdos já possuem as suas cornetas para ouvir, mais ou menos claramente, o que se diz, e até o que se bisbilhotêa em redor delles.

Quem não fica penalizado vendo os esforços desesperados que fazem os enfermos do ouvido, sem corneta para se communicar com os saos?

Longe estão as orelhas de possuírem as regalias multifôrmes e apuradas dos seus visinhos privilegiados — os olhos.

Ao meio-cego, armado de bons oculos, não falta quasi nada.

Quantas pessoas, cujo ouvido não é normal, não sabem nem querem saber que têm defeitos, que lhes falta o equilibrio auricular! Os musicos nunca o confessarão com toda a coragem e franqueza.

Quando Beethoven começou a notar os symptomas da cruel surdez que, mais tarde, o segregou completamente do mundo auditivo — exclamava dolorosamente: — Que dirão os meus collegas e desaffectedos, quando perceberem que estou ensurdecendo?

As deficiencias dos orgams auditivos contados e analysados cuidadosa mas desapiedadamente, pelos physiologos especialistas em volumosos livros, impressionam profundamente os musicos estudiosos e deixam-nos pensativos e tristes. Quantas pessoas nunca chegarão a perceber as bellezas mais comensinhas da musica!

Na Allemanha, quasi todo o mundo anda de oculos. No dia em que fôrem aperfeiçoados os instrumentos auditivos, toda a gente, no mundo inteiro, terá um aparelho *a caval-*

lo, *pendurado* ou ao redor das orelhas: toda a gente se servirá dos seus *audiphones*.

Imaginem agora que genero de carapuças não usarão muitos nossos tataranetos: oculos, dentaduras, papelotes, monopol para os bigodes e audiphones de todos os feitios.

Faltam, apenas, bolinhas de perfumes no nariz..

Falemos no som e, com especialidade, no som musical.

As primeiras theorias musicas chegaram depois de longuissima pratica. Os progressos, porém, da musica moderna não andam mais separados dos progressos da sua theoria, como antigamente. Vão de mãos dadas: pôdem explorar, em conjuncto, campos novos, fazendo descobertas imprevistas.

*Vicent D'Indy*, o celebre e mpôsitoe francez, reúne em si estas duas facultades. As suas musicas são de alto valôr esthetico e o seu — *Cours de composition musicale* — patenteia um espirito indagadôr de primeira ordem em theorias adeantadas.

A theoria occupou-se muito tarde dos *sons harmonicos*.

— Sons harmonicos! Que são elles?

— Dil-o-ei em poucas palavras.

Não existe para nós, musicos europeos, a produção do som *unico*. Exemplifiquemos.

Dando uma badalada em um grande sino, o som produzido não é unico. No primeiro instante se ouvirá, é verdade, um som principal; mas, pouco a pouco se perceberão muitos outros sons, quasi efflorescencia do primeiro fundamental.

Todos esses sons gerados pelo primeiro são os que chamamos *sons harmonicos*, os sons sympathicos do som gerador. Os *harmonicos* formam, pois, uma especie de arvore genealogica.

O tronco é o pae; logo depois vem um filho, depois uma filha, outros filhos... Não faltam thios e thias, parentes proximos, netos, tataranetos e parentes remotos: familia grande, familia patriarchal, á brazileira do seculo findo.

Alli *ha* alguém que está murmurando:

— Já sei! A dissonancia é a sogra!?

— Não, senhor; não antecipemos. Acatamos, com veneração, esse membro necessario, inevitavel da familia.

Os harmonicos estão latentes em cada som. Qualquer ouvido normal tem o dever de perceber alguns, pelo menos nos grandes sinos.

Dos objectos de metal, das pedras postas em vibração, desprendem-se tons fundamentaes e harmonicos.

O ar, a agua do mar, dos rios, dos riachos, têm as suas musicas.

Suprema magnificencia da Natureza!

Nos altos da nossa Cantareira, ha uma caixa de junção das aguas, que bebemos em São Paulo.

Porque, senhoras e senhores, não irão um dia ouvir aquella extraordinaria, pasmosa symphonia do liquido elemento fugitivo, magicamente sonoro?

Ficariam encantados. Os sons harmonicos da agua são imponderaveis. Muitos sons harmonicos dos sinos tambem escapam aos musicos. Mas, em cada som do piano, do violino, do violoncello, do violão, da flauta, da voz humana, percebemos harmonicos. Frequentemente será necessario descobri-los por meio dos aparelhos que os estudiosos da Austria inventaram.

O microscopio não nos faz discernir o surprehendente, o pavorosamente pequeno?

*Mersenne* — um franciscano francez, que, nos milhares de paginas de poderosos *in-folio*, deixou patentada a sua sêde de sciencia — mostrou, ha tres seculos apenas, a existencia dos sons harmonicos.

Ha dous seculos — *Sauveur* — surdo até á idade de sete annos, inventou os instrumentos necessarios e foi o primeiro que estudou os harmonicos.

*Zarlino* e *Rameau* continuaram aquelles estudos

Ha um seculo e meio apenas que *Rameau* conseguiu fixar a *Theoria da Harmonia*, baseada sobre os sons harmonicos naturaes, parentes mais proximos.

Depois de muitos estudos feitos

na Italia, na França e especialmente na Allemanha, por muitos theoreticos que é excusado relembrar aqui, um grande sabio da musica—*Hugo Riemann*—vivente na Allemanha, chega ás consequencias mais inesperadas das complicações melodicadas dos harmonicos temperados, *precedendo a pratica musical*.

Combinando os sons com Arte, temos a musica.

— Não é isto mesmo ?

— Com Arte?

— Sim. Com Arte singela ou com Arte rebuscada. A natureza nos entrega os elementos sonoros e deixanos a sós com elles. A Arte musical é criação do homem. Por muitos e muitos seculos, os seus progressos foram lentissimos. Mas nos tempos modernos, genios fulgurantes desenvolveram-na assombrosamente com concepções herculeas e com rapidez fulminea.

Um *specimen* de musica elementar, que nos resta da antiguidade, é o bater das palmas dos Abyssinios, dos patricios do nosso particular amigo—o négus Menelik.

E' o *rhythm* da habanera. Batendo este *rhythm* insistente, não ha quem resista a dansar, especialmente si as moças têm graça. Tracta-se de successões *rhythmicas* do barulho.

Um pouco mais complicado do que este rastinho de musica primitiva, é o alternarmos dois sons diferentes, como o de um sino grande e o de um sino menor. Uma immensidade de musicas populares europeias basea-se, ha seculos, nesta simples alternativa: o som fundamental (*o pae*) alternando com a quinta nota da escala (*a filha*)—por exemplo, *Dó* e *Sol*.

Já sabemos que os harmonicos de um som tomado como fundamental acompanham-n-o constantemente.

Os do quinto som, também. E assim para qualquer som.

Tocando simultaneamente um fundamental com seus harmonicos, fórma-se o acorde. Os compositores variam successivamente as alternativas dos acordes e fórman trechos musicas. Pondo-se em movimento successivo os sons de cada acorde—compõe-se.

O processo é simples; mas, para se compôr musicas que durem *per omnia saecula saeculorum*, para se fazerem obras primas, precisa-se de sciencia e *genio*... E nada mais lhes digo.

Theoreticos houve que permittiam só as combinações com os harmonicos *parentes mais proximos* e prohibiam os outros, chamando-os dissonantes.

Eis-nos chegados.

A evolução da musica, para o estado harmonico hodierno, consiste nisto: na entrada lenta, sorrateira ou franca, progressiva e constante, dos harmonicos nos elementos da composição.

Sendo os musicos—Que ninguem nos ouça!—por natureza briguetos como fêras, as suas luctas para a admissão de cada harmonico foram e são tremendas. Apezar disso, os harmonicos, no principio pequeninos como microbios, vão entrando; apparecem; descem e ficam na familia. Os musicos fazem as pazes; voltam a ser amigos como dantes e ninguem mais se queixa até á proxima peleja.

Haverá ouvidos tão grosseiros que não distingam nem o *rhythm* de habanera?

Os humildes compôitores da roça manejam a alternativa do som fundamental e da quinta—por exemplo, *Dó* e *Sol*—com bastaute habilidade. Mas—Ai da minha alma!—o meu auditorio conhece também muitissima gente boa, muita gente ilustrada que nem esta alternativa distingue. A posição social não tem nada que vêr com as faculdades auditivas.

Esta alternativa é sempre querida dos simplistas, que exigem, com ares imperativos, musica do coração, musica que toca a alma. Ella dictou melodias divinas aos maiores vultos da historia da musica.

Não podia, porém, a musica parar naquillo e não parou: *varietas vite!* A contextura harmonica, natural, ataviada pelos harmonicos desusados e pouco a pouco introduzidos melodicamente, ficou transfigurada. Alguns ouvidos acostumam-se e acabam por a provar as novas dissonancias; o

tros, ou defeituosos, ou distrahidos, ou recalitrantes, não gostam e ouve-se pronunciar o sacramental:—Não presta...

As combinações sonoras podem ser talmente complicadas, que, sem ouvido bom e bem educado, o seu effecto é nullo ou intoleravel.

Dahi, se pôde avaliar a inanidade e inutilidade das luctas, das reprovações dos leigos ou dos iniciados reaccionarios, ao redor dos grandes chefes de escola. A evolução da Arte musical faz-se a despeito e independentemente do gosto dos individuos: todos os pensadores o dizem. Não preciso dizer-lhes que as dissonancias musicas não dão tanto quanto as dissonancias da vida.

Santa mulher, mulher ideal!—exclamava, um bello dia, o meu bom amigo e condiscipulo Totó, a quem eu acabava de recitar o divino dialogo de Julieta e Romeu, no texto shakespearcano.

Santa mulher, mulher ideal!

Santa mulher?—perguntei eu desnordeado.

— Quem?

— A que dormia—bradava o meu Totó.

— Mas quem, filho de Deus!

Hontem, á noite—contou-me Totó agitado—fui eu também passear debaixo das janellas da minha Julieta. O plenilunio quente não deixava encherger nenhuma estrella no glorioso firmamento. Meu vago, unico ardente desejo era espreitar só por um instante sequer o vulto de minha noiva. Longos quartos de hora o rouxinol gemeu. Embevecido, ouvia eu o solitario cantôr, quando de subito me assustou uma voz sibilante.

— Saia dahi, já e já, patife! Onde se viu tanta pouca vergonha?!

— Minha Nossa Senhora! Vi de repente o bigode retorcido daquelle demonio da minha futura sogra, que, ás tres horas da madrugada, ainda não dormia.

No plenilunio quente de Napoles, um bigode de sogra é, na verdade, uma dissonancia dissonante de mais, meus ricos senhores.

Contei-lhes este caso por me parecer original.

Qual seria então—digam-n-o francamente—qual é o futuro genro que não adora com frenesi a sogra, antes do casamento?

Conheço aldeãs, villas, e cidades de muita parte da Europa e do Brazil, onde os cantos populares são deliciosos de singeleza e de execução surpreendente. Mas, em uma e outra igreja dessas mesmas cidades, villas e aldeãs, não é raro, por exemplo, ouvir-se cantar o padre em um tom—*Ile, missa est*—o sacristão responder em outro tom—*Amen*—e o organista acompanhar aquillo com o fundamental tôrto...

Aquellas, sim, é que são dissonancias dolorosas!

Outra dissonancia, acabrunhadora da vida, seria a de semear o bem de mãos cheias e recolher esplendidas saraivadas de coices moraes.

A dissonancia das dissonancias, porém—convenham commigo, senhoras e senhores—a dissonancia palpitante hoje e já inevitavel é a minha presença nesta tribuna, falando em portuguez.

Na França, existe um diminuto grupo de musicos cujos antepassados espirituales se chamaram Bach, Beethoven, Wagner, Cezar Franck.

*Debussy* e *Ravel* pertencem a este grupo de *extremos* na novissima escola romantica.

*Debussy*, o mais velho, nasceu em 1862. Ninguem mais contesta o seu talento. Alheio a tudo o que se parece com *réclame*, vive uma vida de solitario. Em Paris, onde elle reside, ninguem o vê. Está produzindo um bom numero de composições aprimoradas, *exquises*, singulares, exuberantes de phantasias delicadas, nebulosas, que fórman a delicia de uns amadores e que outros acham horribéis. Uma sua opera—*Péléas et Mélisande*—cujo assumpto é de Meterlink, levada no *Opéra Comique*, desnorteou a critica. As suas composições orchestraes, como o seu ultimo poema symphonico—*O Mar*—vão se impôndo ás plateias

*Debussy, Dukas, Roparts, Ravel* e

outros, introduzem de mãos cheias, na massa sonora, os sons harmoniosos desusados

O que muitos seus predecessores faziam com timidez, os extremados novos românticos fazem-n-o afoitamente, com intenções refórmas, mas sem esforços visíveis.

A massa sonora fica assim transformada. As modulações, notas e acordes substituídos, inesperados, são consequências lógicas dos novos processos. Dalli provêm sensações desconhecidas até hoje de sucessões sonoras fugaces, associações curiosas, matizes multiplos, levísimos, *dissonantes*.

Os entendiados ou se interessam e ficam surprehendidos, encantados, ou... se zangam.

E os profanos?

Quem me diria as suas impressões sinceras, filhas da attenção sympathica e constante?

Impressionar a massa inteira do auditorio é a nossa intenção e a nossa esperança. A flexibilidade extrema das ondas sonoras, a harmonia perturbada e perturbadora, as numerosas, delicadíssimas intenções dos auctôres — tornam este genero de musica inexplorado, especialmente difficil.

Decoral-as constitue já um serio problema de mnemotechnia.

Em Paris a pergunta — *Êtes-vous Debussyste?* — ouve-se a cada passo, nas festas musicas.

Não ha quem não reconheça que em S. Paulo existe um numero avultado de profissionaes esforçados, sequiosos de manterem os seus discipulos na vanguarda do progresso. Pela infima parte que me toca, permittir-me-ão a citação de um pequeno facto de somenos importancia, mas caracteristico.

O artista Harold Bauer que, a julgar, objectivamente, pelos antecedentes e calculando-se a sua joven idade, ficará sendo um dos maiores pianistas existidos até hoje — conheceu aqui em S. Paulo — *Les jeux d'eau* — a musica do jovenissimo Ravel, enamorou-se nella — Pudera, não! — e a toca com grande successo

nos seus concêrtos, na Europa e na America.

Um critico da esplendida revista musical — *Die Musik*, de Berlim — tendo ouvido ha pouco executar este trecho por H. Bauer escreveu: — Até que afinal os *virtuosos* sentem a necessidade de fazer-nos conhecer obras interessantes de compositôres innovadores.

Achamo-nos no Brazil quasi fóra do mundo musical.

As festas frequentes que educam o ouvido e a alma faltam-nos.

Eis duas migalhas estatisticas eloquentes:

1.<sup>a</sup> — em Berlim os concêrtos fóram o anno passado mais de mil; 2.<sup>a</sup> — desde 1880 mais ou menos, a America do Norte tornou-se o *Eldorado* de um sem numero de grandes e pequenos artistas.

No Rio, Luigi Mancinelli organizou um concerto orchestral com programma de primeira ordem. O nome do regente era uma garantia de successo.

O publico lá não foi. Um critico competentissimo — o Dr. Godofredo L. Velloso — constatou o facto, repetição de muitos outros analogos e glosou-o: — «Não sahemos tão cedo deste classico indifferentismo.»

E' pena, pois, que a disposição dos brasileiros para a musica é admiravel

O amor pelo theatro lyrico não enche o coração de todos.

Só hontem chegaram ao Rio de Janeiro, com um atrazozinho de trinta e sete annos, os mestres-cantôres de Wagner. Que bagagem, Santo Deus!

Nos tempos calamitosos que atravessamos, ao povo não se pôdem permittir gastos irreflectidos, frequentando o lyrico.

De acôrdo.

Mas o theatro lyrico não constitue toda a musica. Longe disso. Elle não é sinão *uma* face do rico polyedro da Arte musical.

Os tempos da musica pura, da musica que, com a sua linguagem especifica, indeterminada, mysteriosa, sublime, faz appello directo ao ouvido, ao cerebro e á alma huma-

na — numerosos, sempre mais numerosos na Europa, augmentam extraordinaria, maravilhosamente na America do Norte.

Não se imagina o que estamos perdendo!

A riquissima Arte musical, multi-fôrme, não é avara dos seus thesouros. Para todos tem um favor, um lenitivo, uma consolação, uma alegria. Felizes dos que a procuram, dos que a pôdem cultivar, dos que a adoram, compreendendo-a!

A alma simples do caipira satisfaz-se com as modinhas proprias, com os seus *lundús*, com o seu inebriante *catêrê*. O Lurgnez despreoccupado frequenta com certa vaidade *innocente* certos theatros educativos (?); aprecia aquelles lugares; ouve, satisfeito da vida, aquellas cançõetas *poudrées* ou não *poudrées*; admira operetas apimentadas *et similia*...

Não basta saber lêr para julgar grandes escriptores de uma literatura, discernir e apontar-lhes com segurança as obras primas, recitar trechos primorosos, gostal-os e fazel-os gostar

Não é sufficiente ser possuidôr de um par de bellos olhos para avaliar os thesouros da pintura e da esculptura, os monumentos dos mundos civilizados, a magnificencia da Natureza.

Para que servem, então, orgams auditivos perfeitos, si os pômos sómente ao serviço de prazeres faccis, onde a intellectualidade cochila?

Os que procuram a Arte — meio de vida para a alma — com intuitos elevados, têm uma tarefa particularmente trabalhosa.

Creação lenta, secular, reflecte as nossas crenças e as nossas duvidas cruciantes, as nossas maguas e as nossas alegrias, os nossos ideaes.

Creatura de cada um, creatura de todos — exprime os sentimentos do individuo, os sentimentos complicados das multidões.

Esforcemo-nos a conservar; esforcemo-nos a augmentar este patrimonio da alma da humanidade com as flôres do nosso intellecto, com os palpites mais nobres de nosso coração, com vontade inquebrantavel.

Tenho dicto.

## LITERATURA

## Dezesete de Agosto

(Num Album)

Escola "Prudente de Moraes"

Tanta luz aqui dentro vos espera  
Que sahíreis estrellas redivivas.  
Como as que brilham n'azulada esfera.  
L. DELFINO.

Faz, neste dia, mais um anno que se abriram as portas de um novo edificio de ensino para receber, em seu luminoso recinto, esclarecendo-os carinhosamente, os pequenos espiritos dos jovens patricios.

Foi hontem que começou essa romaria de creanças para a *cidade da luz*.

Pela manhã, perdendo ás vezes a primeira refeição do dia, temendo faltar aos estudos porque amam a escola e não mais fogem dos mestres — quando o sol mal se distingue por entre as neblinas invernosas — eil-as sempre irriquetas, barulhentas e activas, tendo nas faces o frescôr dos rebentos de rosas — caravanas bellissimas de riso e de innocencia — caminhando, como o garimpeiro, em busca do saber, dessa gemma preciosa que alevanta e ennobrece o ser humano.

Avidas de luz, impulsionadas hoje, não tanto como outrora, pela vontade criteriosa dos paes, famintas das lições que lhes alimentam o espirito, sobraçando livros e cadernos, numa peregrinação para o templo em que todos recebem os dogmas indiscutíveis da Sciencia — famintas do pão do espirito, qual bando de aves que migram da noite para o dia deixando páramos tenebrosos — vão surgindo aos poucos, ora em grupos, ora rapidas, ora compassadamente, enchendo o espaço das alegrias que lhes vão

nalma, com as phrases de suas discussões pueris, com os epithetos de suas ironias e com a diversidade dos encantos de suas tagarelices.

E' a primeira e a ultima vez que arribam a esse porto, em que param por algum tempo.

Nunca mais o tornarão a encontrar! Viajando do berço até ao tumulto — sossobrando aqui para sobreviver aos preconceitos e ás miserias e naufragando lá para se remir dos erros e dos vicios — o homem vai successivamente descobrindo pela estrada, para lhe amenisar aos dissabores e lhe distanciar o pouso final, uma variabilidade de factos e de coisas, que o fazem esquecer momentaneamente a fatalidade do destino.

E' muito melhor o viver da materia que o viver do homem.

O nascimento do homem é a alvorada dos soffrimentos que o esperam no mundo; a morte será o nascimento do seu viver material e o occaso das suas dôres e sacrificios.

Quiz o escarneio do destino que o homem tivesse um presente, um passado e um futuro; mas, é preferível o viver material num presente que se prolonga eterna e indefinidamente...

Emquanto se diverte nas festas mundanas, o homem não pensa na voragem que se lhe abre no futuro, nem nas lagrimas dos or-

phams e da fidelidade que lhe entristecem os derradeiros olhares.

Emquanto pára diante de uma cruz com que a justiça perpetuou a perversidade de um homicidio, ou com que os corações eternisaram um nome querido — a mente lhe foge para um hemispherio de divagações e commentarios, que lhe não descrevem um cocuruto de terra na superficie solitaria das necropoles...

São tantas as suas preocupações que não lhe sobeja um minuto para reflectir sobre o dia de amanhã.

Assim vai elle passando por todas as estações da vida, absorvido e jubilosamente.

O mais lindo pouso, porém, em que a alma, na phrase do poeta, se refaz de ethereos gozos, não mais sendo captiva das trevas — é a escola, a *cid. de da luz*.

E' a escola — como dizem os mestres — o logar em que se aprende brincando.

E' uma palavra grega que designa o descanso, a terminação das fadigas physicas e, por extensão, o momento propicio para a actividade do espirito, para a leitura, para o estudo.

A sociedade é um conjuncto de orgams, sendo a escola o mais proeminente.

Sociedade sem escola é uma noite sem estrellas; é um dia sem sol: é eterna escuridão para encobrir as vergonhas da humanidade.

A escola é um orgam social, cuja função é preparar os individuos para a sociedade em que têm de viver; é uma instituição necessaria para estabelecer a transição entre a familia e o Estado, e para illuminar as gerações novas, fazendo do individuo um *homem*, segundo o typo exigido pela civilização do seu tempo ou do seu paiz.

Para a sociedade a escola é uma garantia para o futuro, um instrumento de assimilação intellectual e moral, sem o qual não estaria segura do dia de amanhã.

Tal sociedade, tal escola: numa se tem a imagem da outra; e, reciprocamente: quanto vale a escola, tanto valerá a sociedade.

E' isso o que nos ensinam os educacionistas.

Para vós, porém, — ó rapazes! — a escola é a mais linda estação da vida.

Felizes os que ainda podem demorar-se nella, porque, desde que a deixarem, nunca mais os ha de abrigar o seu tecto, amigo e hospitaleiro!

Aproveitae-a bem, para vos tornardes dignos da Patria que vos concedeu e para merecerdes a admiração dos sacerdotes que viajaram convosco!

Procurae a escola, ó creanças!  
«Entrae: por mais que a noite em vós se note  
Tereis um astro á fronte na sahida!»

A. R.

## ⇒ O LIVRO ⇐

(Num Album)

No declinio do vigente anno, se vos fecham as portas do vasto edificio que vos illustra o espirito; acabaes, em festas, a vossa peregrinação pelo bancos escolares.

Levaeis para o remanso da familia, para a tranquillidade do lar — além de um cerebro esclarecido pelos fecundos preceitos da Sciencia — um coração, um escritorio de bondades, ninho dos mais excelsos sentimentos — remodelado pela conquista de tantas virtudes que vos assentam tão bem, parecendo um apagaio das pessoas do vosso sexo.

Breve, em algum retiro êrmo e silencioso, em algum sanctuario que vos euleva os dias — ireis carpir saudades daquelle casarão, cujos humbraes tantas vezes penetrastes; em que, impaciente, avida e solícita, procuraveis no meio de tantos vultos irriquetos e de tantas physionomias risonhas — a eleita para as vossas confidencias ou a escolhida para vos consolar a vida nas tribulações.

Não mais contemplareis o semblante circumspecto da vossa amiga e mestra: ireis palmilhar novos trilhos.

Quando, no vosso gabinete de professora carinhosa, vos debruçardes sobre as paginas luminosas da verdade — podereis, apenas, em peque-

nos retrospectos, evocar em ancias e suspiros, os vossos tempos heróicos de adolescente, que nunca tornarão mais.

Eil-o agora—o livro—de hoje em diante o vosso companheiro inseparável!

Dizem que as mulheres teem a seu mandar as lagrimas para chorar quando e quanto querem.

Pois bem! Si algum dia notardes que vos fuge a esperança e que illusões vos entenebrece a alma; si densas nuvens de tristezas vos interceptam os risos da felicidade—que melhor balsamo ás vossas afflicções encontrareis que o livro?

Os livros, como vos disse o Padre Vieira, são mestres mudos que ensinam sem fastio; são nossos verdadeiros amigos e conselheiros singelos; e, assim como, á força de tractar com pessoas honestas e virtuosas, se adquirem insensivelmente seus habitos e costumes tambem, á força de ler os livros, se aprende a doutrina que elles ensinam, no lacinismo e na eloquencia de suas locuções.

Não deveis estimar os livros mais como ornato da casa que do espirito e recordai-vos sempre que o melhor livro é o que mais convem á vossa profissão.

Uma grande livraria é um deposito de moveis, é um vergonhoso adorno de um gabinete, quando só nos livros é que se acha a sabença do seu proprietario.

O melhor livro, e que não cabe nas estantes, é o mundo; ha poucos, porém, que o saibam ler.

Todos applaudem um livro util: ninguém o compra.

Ninguém approva o inutil: todos o compram.

O livro que lido encaminha para as virtudes é perfeitamente bom; o livro que lido conduz para os vicios é completamente máu.

Sêde, pois, cuidadosa na aquisição da vossa bibliotheca: assim como soubestes escolher boas amigas, deveis tambem estar prevenida para a selecção dos vossos novos mestres—os livros.

Rodeada então dos vossos leaes

camaradas, vereis que o estudo é remedio grande ás turbações do animo e restaurador da paz do coração.

Conheceis Chateaubriand? Chateaubriand era a encarnação do lyrisimo; foi elle quem vos ensinou que, si, cansada das borrascas da vida, vos acolheis ao sanctuario das musas—como que sentis um ambiente sereno e confortavel, cuja benigna influencia mitiga as febres da alma.

O estudar é refractario ao tedio e é bom consumidor do tempo.

E' no estudo que nós apprendemos a media a dôr e a supportal-a; e é essa constancia nos soffrimentos que quasi sempre gera a victoria.

Tereis no livro a imagem da vossa mestra, que ainda vos guia e vos enche de luz.

Morrendo esta para os vossos olhos e caricias—resurgiu aquelle que ha de continuar a fazer do vosso espirito e do vosso peito um thesouro de ensinamentos e de virtudes, de assumptos uteis, honrados e religiosos.

E' elle que vos fará possuir o traço do sabio, que escutam os com admiração e respeito, como fonte de novas e curiosas idéas; é elle que vos dará erudição e pensamentos que vos farão delir duvidas importunas e será ainda nelle que ireis apagar a sêde ardentissima que vos devora.

O garimpeiro, sob as galernas vibrações que lhe palpitam as esperanças de fortuna, busca, nos profundos penetraes da floresta, o lenitivo da cobiça; mas a emulação da sabedoria, o impulso para a posse da verdade vale mais que o appetite do ouro e a fome das preciosidades—que nem sempre se nos deparam na Terra.

As vossas mestras já vos apontaram o logar em que podereis achar os vossos attractivos e as vossas satisfações: aos livros, pois, toda a vossa dedicação, embora vos repitam que vos ides amortecer pallida entre elles.

E' o estudo remedio grande ás turbações do animo e restaurador da paz do coração.

A. R. DE C.

## ENSINO CIVICO-LITERARIO



TIRADENTES (\*)

*Conjuração Mineira* é a comme moração de um factio historico ao qual se liga o nome de Tiradentes.

Os outros nomes que tem a *Conjuração Mineira* são: *Conspiração Mineira*, *Conjuração Mineira* e *Inconfidencia Mineira*.

Ella se passou no anno de 1789 na segunda metade do seculo dezoito.

Teve dois fins.

O primeiro fim foi que Tiradentes queria que o Brazil se separasse de Portugal.

Tiradentes queria imitar os Estados Unidos da America do Norte.

O segundo fim foi que Tiradentes queria que o Brazil se tornasse uma Republica.

Tiradentes queria imitar o exemplo da França.

O pretexto para romper o movimento que imaginaram os conspiradores foi a cobrança de um *imposto injusto e atrasado*.

Adoptaram uma bandeira em que se via um indio arrebrandando grilhões e escripta a seguinte sentença: — *Libertas qua sera tamen*: — Liberdade posto que tardia.

Tiradentes como era catholico fervoroso queria a bandeira com um triangulo que é o symbolo da Santissima Trindade.

Tiradentes andava no Rio de Janeiro quando foi preso.

Conspiravam ás claras e não em

(\*) O primeiro trabalho é dum alumno do 4.º anno preliminar e o segundo, de outro do 4.º anno complementar, da Escola-modelo annexa á Escola Normal.

segredo como deviam fazer naquelle tempo e eis porque nada arranjaram.

Quem denunciou a *Incontidencia Mineira* foi Joaquim Silverio dos Reis ao Visconde de Barbacena e este a D. Luiz de Vasconcellos — vice-rei do Brazil.

O desejo de Joaquim Silverio dos Reis era vêr si lhe perdoavam uma divida e vingar-se de alguns inimigos.

A Historia o chama e a seus dois companheiros de — *triade infame*.

O chefe da conspiração era Joaquim José da Silva Xavier.

Tiradentes era dentista e alferes de milicias ou alferes de cavallaria.

O jury que devia julgar o patriota se creou no anno de 1790.

Os seus trabalhos terminaram no dia 18 de Abril de 1792. Os conjurados foram todos condemnados: uns á morte; outros á expulsão perpetua; outros á expulsão temporaria; menos Tiradentes que foi enforcado e esquartejado.

Morreu judiado no dia 21 de Abril de 1792.

Porque soffreu muito Tiradentes ficou com o nome de martyr.

Viva a memoria do martyr!

ROBERTO GONÇALVES.

\* \* \*

Foi Tiradentes, o sempiterno e glorioso martyr, quem, exhalando o ultimo alento em defesa do ideal sublime que desposára, insculpiu, imperivelmente, nas paginas da Historia Brasileira, a imagem viva da agitação politica, a que seu nome se ligou.

Abraçando uma causa tão nobre, qual a de fazer brotar as primeiras fulgurações da Liberdade em sua

Patria, colligindo de concidadãos ta lentos as aspirações que vicejavam na aicandorada região de seus dourados sonhos de emancipação — Tiradentes viu, num subito instante, crestar-se a candida flôr de suas roseas esperanças.

Desterrados para longiquas plagas, cercados pela tetrica atmosphera do exilio— foram os seus infelizes companheiros de pugnas resgatar na soledade triste o hediondo crime da desventurada insurreição e elle, o sereno martyr, algemado ao póste do infortunio, atirado aos braços da ingrata sorte, deste mundo desertou para nunca mais voltar!

Tiradentes, na grandiosidade soberba de seu commettimento, revive eternamente na saudade sincera e indefenida que lhe tributam os seus compatriotas.

Tiradentes, que é immortal e inolvidavel pelas lagrimas sentidas de seus concidadãos, que pranteiam a sua prematura perda—merece a eterna veneração destes corações agradecidos e o penhor excelso da nossa adoração, pois elle sonhou um porvir ditoso para o seu berço amado e «morreu cantando a Liberdade».

Si cruel e trevoza noite estendeu então o seu funebre manto sobre a existencia politica do Brasil, conturbando o progresso das idéas patrioticas—hoje, ao despontar da decantada aurora risonha da emancipação, abrimos o livro do passado e lá encontramos o nome venerando de Tiradentes insculpido no templo majestoso da immortalidade que se lhe erigiu.

Sim—ó benemerito Tiradentes!— tu és immortal pois assim te consagra a Patria agradecida!

JOSÉ VIEIRA MACEDO.

## PELA IMPRENSA EXTRANGEIRA

( « THE PRACTICAL TEACHER » — DEZEMBRO )

Nas escolas maternas. — E' accetavel que todas as creancinhas *de tres a cinco annos* — frequentem a *escola maternal*?

Eis as conclusões de um inquerito feito, a esse respeito, por cinco inspectoras inglezas:

— O effeito intellectual não é bom. Comparados com os pequeninos camaradas educados no meio familiar — essas creancinhas têm uma elocução um pouco mais facil; são, porém, menos originaes e mais automatadas, menos observadoras, menos curiosas

Os resultados physicos são ainda peiores. Ha, pois, motivo que se enviem, apenas, á escola maternal, aquellas creanças que sejam mais negligentes em casa, aquellas que vivem, por exemplo, nos bairros pobres das cidades. Em caso algum, as creancinhas não deveriam ir á escola mais de uma vez por dia; seria ainda necessario, durante essa sessão unica, reservar-se um tempo mais consideravel aos jogos livres, ou mesmo ao somno.

Duas inspectoras foram além: pediram que ás salas se fornecessem berços ou leitões.

E' preciso banir dessas pequeninas classes, como prejudiciaes ao espirito e ao corpo, todo o ensino

propriamente dicto, a leitura, a escripta, o calculo, mesmo a gymnastica; convem, ao contrario, incluir nellas, em larga escala, as narrações, as conversas e jogos diversos.

E' preciso estimular a personalidade e evitar que se transformem as creancinhas em machinas; urge supprimir os velhos amphitheatros e aproveitar tantos espaços livres, bem como fazer uso constante do terreno de jogos ou de um grande alpendre contra o mau tempo.

A disciplina é, em geral, muito severa. Ficar creancinhas immoveis, como se vêm ás centenas, é um triste phenomeno: é que as mestras cuidam, antes de tudo, de mostrar resultados ao inspector.

Para zelar por esses pequenitos, uma mocinha intelligente e *maternal*, depois de uma experiencia de alguns mezes—seria melhor que uma professora circumspecta, cujos emolumentos variam com os resultados.

Conclusão geral: — nos logares em que é necessaria a admissão de creanças desde a idade de tres annos — a *escola maternal* será uma *nursery*, em que haja o esforço de as fazer felizes e não uma estufa em que se prepararão *specimen* brilhantes para as divisões da escola primaria.

## MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A sede da Associação do Professorado Publico do Estado é á rua de Santa Thereza, n. 28.

Funciona, nos dias uteis, das 6 horas da tarde ás 9 da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a caixa postal, n. 183.

O presidente da Associação, sr. Arthur Breves, reside á rua Barão de Tatuby, n. 3; o thesoureiro, sr. Izidro Denser, á rua Vergueiro, n. 110; o 1.º secretario, sr. Augusto Ribeiro de Carvalho, á rua Barra-Funda, n. 43; o procurador, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 174-C. São encontrados diariamente na sede social.

A mordôma do mez de Agosto, que é d. Maria Soares de Araujo, reside á Travessa da Gloria, n. 12; a do mez de setembro, d. Guiomar Torrezão, é residente á rua da Tabatinguera, n. 33; a do mez de Outubro, d. Maria da Conceição Alvarenga, reside á rua do Carmo, n. 32; a do mez de Novembro, é d. Alice Silvina Avila de Macedo, residente á rua da Liberdade, n. 86; a do mez de Dezembro, d. Catharina Ceschlau de Moura, reside á rua das Flores, n. 28.

O thesoureiro é encontrado na sede social todos os dias uteis, das 7 ás 8 horas da noite.

Nos termos do artigo 79 dos Estatutos, a REVISTA DE ENSINO é pu-

blicaba sob a responsabilidade da Directoria, sendo, porém, o presidente da ASSOCIAÇÃO seu editôr responsável.

O redactor-secretario daquelle organ, nos termos do § unico do citado artigo, é o sr. professor Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deverá ser dirigida toda a correspondencia relativa áquella publicação.

Os preços de assignaturas da REVISTA DE ENSINO são os seguintes:

Anno . . . . .	10\$000
Semestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	2\$000

De acôrdo com o § 3.º do artigo 12 dos Estatutos vigentes, todos os socios quites são considerados assignantes da REVISTA DE ENSINO, sem retribuição alguma.

Os associados podem, sempre que quizerem, obter a REVISTA DE ENSINO, com um abatimento de 50 % sobre os preços estipulados para as assignaturas.

A ASSOCIAÇÃO não possui mais caixa de emprestimo. Esta, não tendo dado os resultados que as directorias anteriores tinham em vista, foi fechada pela ASSEMBLÉA GERAL, em sua sessão de 31 de Janeiro findo.

A directoria auxilia com dinheiro, independente de juros, tirado da *Caixa de Auxilio Condicional*, aos associados quites, que estejam nas seguintes condições:

1) — que tiverem direito a auxilio

definitivo, nos termos dos Estatutos e delle não queiram utilizar-se;

2) — que se removam de uma para outra localidade;

3) — que entrarem para o magisterio e que, por isso, precisem de auxilio pecuniario para a sua primeira collocação;

4) — que, não estando nos casos acima, estejam, todavia, em *condições especialissimas*, a juizo da directoria.

*Fôra destes casos, nenhuma quantia, por menor que seja, sahirá da caixa social, a titulo de emprestimo.*

O associado, acceito para ser inscripto definitivamente no quadro social, deverá, dentro de 30 dias, pagar adeantadamente uma das tres prestações seguintes, á sua escolha:

1) — 11\$000, sendo 5\$000 da terça parte da joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade;

2) — 16\$000, sendo 10\$000 de duas terças partes da joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade;

3) — 21\$000, sendo 15\$000 de toda a joia, 3\$000 de diploma e 3\$000 da 1.ª mensalidade.

Os associados quites, relativamente ás suas mensalidades, têm direito, de conformidade com o artigo 12, § 2.º, de utilizar-se dos serviços do procurador social, *independente de qualquer remuneração pecuniaria*, para recebimento de seus vencimentos e mais negocios relativos ao cargo, *mas tão sómente negocios relativos ao cargo*, que elle exerce.

A Assembléa Geral, em sessão de 14 do corrente, approvou as seguintes medidas regulamentando os auxilios, nos casos das letras do artigo 21:

Os auxilios, nos casos das letras deste art., serão concedidos do modo seguinte, durante 3 mezes: em caso de molestia em pessoa do associado: 20\$000 aos que tiverem contribuido durante 3 mezos; 30\$000 aos que tiverem contribuido duran-

te 6 mezes; 40\$000 aos que tiverem contribuido durante 9 mezes; 50\$000 aos que tiverem contribuido durante 12 mezes; 60\$000 aos que tiverem contribuido durante 15 mezes; e assim por diante, crescendo sempre 10\$000 por 3 mezes, até 36 mezes.

Os socios, que tiverem contribuido por mais 3 annos, terão direito ao auxilio de 150\$000.

No caso da letra — *b* — desse mesmo *artigo*, os auxilios serão a metade das quantias acima estabelecidas, sendo indispensavel que haja economia commum entre o socio e o enfermo.

Tractando-se da letra — *e* — o auxilio será de 200\$000 no caso de fallecimento do socio e de 100\$000 para fallecimento de pessoa da sua familia, com as restricções precedentes, isto é, economia commum.

Nos casos da letra — *d* — o auxilio será de 20\$000 para os socios que o sejam de 3 a 12 mezes; de 25\$000 para os que fôrem de mais do 12 mezes até 24 mezes; de 30\$000 para os que o fôrem de mais de 24 mezes até 36 mezes; e de 40\$000 aos que tiverem mais de 36 mezes.

Os auxilios, de que tracta o *art. 24*, serão concedidos de acôrdo com a letra — *d* — não, podendo, porém, exceder de 30\$000.

O socio, que tiver recebido a totalidade de qualquer dos auxilios facultados pelos Estatutos, só poderá receber novo auxilio contando-se o seu tempo de associado a partir do ultimo auxilio recebido.

O socio, que receber parte de qualquer dos auxilios estabelecidos, poderá, quando necessite, receber a parte faltante.

Sempre que houver repetição de pedido de auxilio por um mesmo associado, o seu tempo de associado será contado do ultimo auxilio recebido.

Fôram propostos e acceitos para fazer parte do quadro social, os professores: exmas. sras. d. d. Alzira da Silveira Vasconcellos, Ruth Guimarães, Beatriz de Toledo Lima e os srs. João Gomes de Araujo Junior,

Adelio de Castro e Pedro Herminio de Freitas.

A directoria da Associação, afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, pede aos srs. associados o obsequio de participarem ao secretario sempre que transferirem a sua residencia.

#### POSTOS MEDICO

1)—DR. CARLOS MEYER. — E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 72, até as 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na Capital, pelo preço de 5\$000. Também se promptifica a fazer, gratuitamente, analyses em escarros, catarros e outras substancias, para elucidiação de diagnosticos clinicos.

2)—DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO. — Dá consultas gratuitas aos associados. Consultorio e residencia — rua Victoria, n. 158, Pharmacia da Fé.

3)—DR. ROBERTO GOMES CALDAS. — Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer. Consultorio — rua de S. Bento, n. 38; residencia — rua Major Quedinho, n. 5.

4)—DR. FABRICIO VAMPRE. — Dá consultas gratuitas aos associados e ás suas familias. Residencia—rua da Consolação, n. 53; consultorio — rua Libero Badaró, n. 97-C.

5)—DR. LYCURGO PEREIRA. — Presta seus serviços clinicos, nas seguintes condições:  
visitas . . . . . 5\$000,  
consultas aos associados . . . . . gratis,  
consultas ás pessoas das familias dos associados . . . . . 3\$000.  
Consultorio — rua de Santa Theza, n. 9.

6)—DR. N. SOARES DO COUTO. — Presta seus serviços clinicos aos as-

sociados, nas seguintes condições:  
visitas nos domicilios . . . . . 5\$000,  
consultas . . . . . 3\$000.

Residencia e consultorio—rua Duque de Caxias, n. 22.

#### DENTISTAS

1)—JAYME TEIXEIRA, cirurgião dentista. Presta seus serviços profissionais aos associados e ás suas familias, por preços módicos.

Gabinete e residencia — rua General Jardim, n. 63.

2)—MARIO LAS CASAS. — Presta seus serviços profissionais, também por preços módicos.

Gabinete — Largo de S. Bento, n. 12.

OBSERVAÇÃO.— Os srs. associados devem tractar, previamente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

#### PHARMACIAS

Fornecem medicamentos aos associados, com abatimento de 20 %:

1)—PHARMACIA DE SANTA THEREZA, de Ignacio Puiggari, á rua de Santa Thereza, n. 9.

2)—PHARMACIA E DROGARIA, de João dos Santos & Comp., á rua de S. Bento, n. 66.

3)—PHARMACIA ASSIS, de C de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 1.

4)—PHARMACIA RODRIGUES, de Altina Rodrigues, Largo do Jardim, n. 32.

Secretaria da Associação Beneficente do Professorado Publico, em 1.º de Março de 1906.

O 2.º secretario,

DEMOSTHENES F. MARQUES.

## NOTICIARIO

Aos srs. assignantes,

associados e collegas

A redacção pede desculpas pelo atraso da publicação destes ultimos numeros da *Revista* e espera que, do segundo numero deste anno em diante, a impressão, publicação e remessa se farão regularmente.

Os collegas do interior do Estado, que receberem a *Revista*, dignem-se fazer a gentileza da permuta: queremos possuir jornaes de todos os pontos do Estado, onde haja escola.

Arnaldo Barreto

Este nosso amigo e illustrado ex-redactor da "*Revista de Ensino*" foi nomeado director do *Gymnasio de Campinas*. Não lhe faltam predicados para o desempenho do seu espinhoso encargo: levou para essa casa de ensino de sua terra, que o estima e admira, um nome prestigiado por um longo tirocinio pedagogico, deixando em cada ex-companheiro de trabalho um amigo e, na escola, um vacuo de difficil preenchimento.

Parabens. Que o acompanhem galernas virações!

As Creanças

Recebemos do sr. Arthur Goulart —esforçado cultor das letras—uns exemplares da sua conferencia litteraria —*As Creanças*— realisada em Tremembé, a primeiro de janeiro do corrente anno.

Ao gentil consocio — agradecidos.

Arithmetica Primaria

O sr. Odorico Castello Branco, professor primario em Fortaleza, Ceará, redigiu uma arithmetica primaria, para uso dos alumnos do

*Externato "Miguel Borges"* e teve a gentileza de nos distinguir com um exemplar.

Agradecidos; faremos, opportunamente, uma apreciação do recente trabalho.

Carlos Cardim

Este nosso consocio foi nomeado inspector das escolas-modelo annexas á E. Normal.

Aqui estaremos para applaudir tudo quanto fizer em prol do ensino publico de nosso Estado.

Os primeiros annos nos grupos

O sr. inspector geral do ensino dirigiu, á Secretaria do Interior, o seguinte officio:

« Ex.<sup>mo</sup> sr. dr. secretario de Estado dos Negocios do Interior. — N. 151. — Repetidas vezes tenho tido a honra de propôr aos dignos antecessores de v. ex.<sup>ia</sup>, já por meio de officios fundamentados pelas razões que me impressionaram na occasião, já em conferencias verbaes, a adopção de medidas para o funcionamento dos grupos escolares da capital e das mais importantes cidades do interior ser feito com horario duplo, de fórma a se proceder com o mesmo material e com uma só direcção, nomeando-se apenas pessoal docente diferente, bem como a colher o dobro dos alumnos que actualmente frequentam taes estabelecimentos.

Diversas causas impediram a execução desse plano nas occasiões em que foi proposto e o fundamento da principal objecção apresentada me pareceu sempre ter sido o receio de enfrentar a adopção de dois horarios, um pela manhã e outro á tarde, com os habitos inveterados

das famílias paulistas, relativamente ás horas por ellas destinadas ás refeições etc..

Como, porém, não é praticavel presentemente crearem-se tantos estabelecimentos, quantos necessita São Paulo e a preocupação natural é offerecer o ensino ao maior numero possível de crianças, pelo menor custo, attendendo-se ás nossas condições economicas e á necessidade de distribuir melhor o ensino pelo interior do Estado e sciente do elevadissimo numero de candidatos que este anno, como nos anteriores, deixou de obter matricula nos grupos escolares—resolvi, ainda uma vez, submeter á alta apreciação de v. ex.<sup>ia</sup> o seguinte plano, que, si não resolve por completo o problema, pelo menos acolherá quasi a totalidade dos candidatos á matricula nos grupos, pois a sua maioria se constitue de analfabetos e portanto pretendentes á entrada no primeiro anno do curso de taes estabelecimentos.

Com uma ligeira modificação nos horarios do primeiro anno, de fórma a se permittir que os alumnos dessa classe só tenham tres horas de estudo diario, em vez de cinco, que é tempo exagerado para tal gráu de aprendizagem escolar—se poderia, me parece, duplicar as aulas do primeiro anno sem prejuizo do regular funcionamento dos outros annos do curso.

Poder-se-ão admittir os alumnos do primeiro anno em duas turmas, regidas por dois professores. A primeira turma deverá entrar para o grupo ás dez horas da manhã e sair a uma da tarde, por occasião do inicio do recreio geral em taes estabelecimentos.

A essa hora, a segunda turma de crianças do primeiro anno fará a sua entrada, sahindo ás quatro e meia hora da tarde, sendo ambas acompanhadas pelos respectivos professores nas suas evoluções pelo estabelecimento.

Essa medida servirá tambem de experiencia e de preparo para se alcançar a duplicidade do funcionamento das aulas nos grupos, cujas

vantagens economicas são evidentes.

Si tal medida tivesse sido adoptada, ter-se-ia poupado a criação de novos grupos, principalmente nas cidades do interior, onde me pareceu sempre mais conveniente este alvitre do que a installação de dois grupos.

O embaraço economico, que poderá sobrevir pela necessidade da nomeação de novos professores, desapparecerá com o aproveitamento de alguns desses funcionarios que ora regem escolas isoladas com frequencia relativamente pequena.

Não ousou propôr á v. ex.<sup>ia</sup> o aproveitamento do mesmo professor para reger as duas turmas, mediante simples gratificação, porque o ensino daquelle gráu é todo individual e fatigante, de modo que em tal caso seis horas consecutivas de trabalho para o mesmo professor revertiriam certamente em prejuizo de saúde e bem assim do proveitamento do alumno.

Não parecerá exagerado pedir tambem que seja arbitrada uma gratificação para a directoria dos grupos, onde se dê a criação dessas aulas supplementares.

Caso v. ex.<sup>ia</sup> aceite as ponderações que faço, apresentarei opportunamente, ouvidos os directores dos grupos escolares quanto aos candidatos á matricula e que não obtiveram logares, a proposta para a criação das classes e nomeação dos professores necessarios. — Saúde e fraternidade.

#### Publicações

Recebemos as seguintes, cuja remessa agradecemos :

— *La Escuela Practica*, revista pedagogica mensal, da Republica Argentina;

— *El Monitor de la Educación Cómica*, organo do Conselho Nacional de Educação, da Republica Argentina;

— *La Enseñanza Primaria*, do Mexico;

— *A Palavra*, de Camocim, Estado do Ceará;

— *Revista de Ensino*, de Fortaleza, Estado de Ceará;

— *Tribuna de Petropolis*, Petropolis, Estado do Rio de Janeiro;

— *O Isabelense*, de Santa Isabel do Rio Preto, Estado do Rio de Janeiro;

— *O Monitor Sul-Mineiro*, de Campanha, Estado de Minas Geraes;

— *O Passageiro*, de Tres Corações do Rio Verde, Estado de Minas Geraes;

— *O Resistente*, de S. João d'El-Rei, Estado de Minas Geraes;

— *Gazeta de Ubá*, do Estado de Minas Geraes;

— *Gazeta de Ouro Fino*, do Estado de Minas Geraes;

— *Araguary*, de Araguary, Estado de Minas Geraes;

— *Comme cio*, de S. João Nepomuceno, Estado de Minas Geraes;

— *A Voz do Povo*, de Poços de Caldas;

— *O Juvenil*, de Bom Successo, Estado de Minas Geraes;

— *Guarará*, de Espirito Santo de Guarará, Estado de Minas Geraes;

— *A Platêa*, da Capital;

— *Gazeta Clinica*, de S. Paulo;

— *Boletim de Estatistica demographo-sanitaria* do Estado de S. Paulo;

— *Germania*, organo da colonia allemã de S. Paulo;

— *A Voz Maternal*, organo da Associação F. B. e Instructiva, do Estado de S. Paulo;

— *O Rebate*, de S. Paulo;

— *A Cidade de Campinas*, de Campinas;

— *O Mundo Occulto*, de Campinas;

— *A Folha*, de Jundiáhy;

— *O Jundiáhyense*, de Jundiáhy;

— *Correio do Norte*, de Guaratinguetá;

— *Educação Nacional*, do Porto;

— *O Trabalho*, do Pará;

— *Diario Official*, do Maranhão;

— *Ad Lucem* revista litero-cientifica, da Bahia;

— *Boletim da Secretaria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas*, da Bahia;

— *Cidade de Bragança*, de Bragança;

— *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba;

— *A Imprensa*, de Araraquara;

— *Gazeta de S. Carlos*, de S. Carlos do Pinhal;

— *Correio de S. Carlos*, de S. Carlos do Pinhal;

— *Tribuna do Povo*, de Araras;

— *Correio de Botucatú*, de Botucatú;

— *Folha da Aparecida* e o *Mensageiro da Aparecida*, da Aparecida;

— *Republica*, de Ytú;

— *A Comarca*, de Mogy-mirim;

— *O Mogyano*, de Mogy-mirim;

— *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba;

— *15 de Novembro*, de Sorocaba;

— *Gazeta de Jacarehy*, de Jacarehy;

— *A Republica e A Gazeta do Pinhal*, de Espirito Santo do Pinhal;

— *Cidade de São João*, de S. João da Boa Vista;

— *A Cidade e o Correio Palmeirense*, de Palmeiras;

— *A Cidade de Faxina* e o *Tempo*, de Faxina;

— *O Municipio*, de Lorena;

— *O Municipio*, de Pirassunga;

— *A Cidade*, de Dous Corregos;

— *O Municipio*, de São Manoel do Paraizo;

— *A Imprensa*, de São Manoel do Paraizo;

— *Gazeta de Capivary*, de Capivary;

— *O Cartel*, de Batataes;

— *Correio Brotense*, de Brotas;

— *Cravinhos*, de Cravinhos;

— *O Tietê*, de Tietê;

— *Correio do Sertão*, de Avaré;

— *Imparcial*, de Sertãozinho;

— *Gazeta de Annapolis*, de Annapolis;

— *O Mineirense*, de Mineiros;

— *São João da Bocaina*, de S. João da Bocaina;

— *O Porvir*, de São José do Rio Preto;

— *O Correio do Interior*, de Ribeirãozinho.

## ANNUNCIOS

### OBRAS DIDACTICAS

DO

Dr. BENEVIDES

Licções de Historia da Civilisação (2.<sup>a</sup>) — 1 vol. cart. 5\$000; Licções de Historia do Brasil (1.<sup>a</sup> edição) — 1 vol. cart. 3\$000 sr.; Resumo de Historia do Brasil (3.<sup>a</sup> edição) — 1 vol. cart. rs. — Editores: N. Falcone & Comp. — A' venda, em todas as livrarias, em S. Paulo e na Capital Federal.

#### Apreciações da imprensa

*Diario Popular* — S. Paulo. « Do Dr. Sá e Benevides recebemos um exemplar das suas licções de Historia do Brasil. O auctor dividiu a sua obra historica em as seguintes partes: *Introdução*, que abrange os antecedentes historicos da descoberta do Brasil; *Tempos coloniaes*; *a Monarchia*, sob o 1.<sup>o</sup> e o 2.<sup>o</sup> imperio; e, finalmente a *Republica* — de 15 de Novembro até á presidencia do eminente Dr. Prudente de Moraes. A parte primeira está minuciosamente tractada, relativamente ás proporções do volume; a época imperial foi apreciada com o brilho da comprehensão dos elementos intellectuaes e dos factores materiaes que propulsaram outro desenvolvimento nacional; a ultima parte é uma simples resenha de factos.

E' proprio de um livro elementar e serve para esclarecer os episodios de nossa vida nacional e as conquistas liberaes da opinião popular. »

*Jornal do Commercio* — Rio. « O Dr. Benevides organisou e publicou um volume « Licções de Historia da Civilisação » (1.<sup>a</sup> edição) para uso de seus alumnos. E' uma compilação clara, que serve perfeitamente aos fins a que a destinou o seu auctor. Como compendio elementar de Historia geral, é um dos melhores que possuímos. »

*O Commercio de S. Paulo* — « Licções de Historia da Civilisação, organisadas pelo Dr. Benevides, lente da cadeira de Historia da Escola Normal. Seu auctor coordenou nesse trabalho a exposição dos mais notaveis historiadores, de modo a facilitar o estudo e melhorar as condições de habilitação dos seus alumnos. Pela rapida leitura que delle fizemos — podemos afirmar que vem prestar relevantes serviços ao magisterio publico e á educação nacional. »

*A Gazeta de Piracicaba* — « Tem o titulo de « Licções de Historia da Civilisação » o livro recentemente escripto pelo Dr. Benevides, cujo recebimento já a *Gazeta* noticiou. Seu auctor presta com elle um significativo serviço áquelles que procuram nos bons livros um seguro elemento de preparo mental.



## SUMMARIO

	PAGS.
DE QUEM A CULPA? . . . . .	791
<b>PANTHEON PEDAGOGICO</b>	
O PROFESSOR DR. JOÃO KÖPKE, de Rangel Pestana . . . . .	794
<b>QUESTÕES GERAES</b>	
ENSINO INTEGRAL, de A. B. . . . .	799
<b>PEDAGOGIA PRATICA</b>	
NOTAS DE PORTUGUEZ, de Luiz Cardoso. . . . .	801
ELECTRICIDADE, de A. . . . .	802
PAGINAS CIVICAS, de A. R. de C. . . . .	804
<b>DIVERSOS</b>	
DISCURSO DO DR. DINO BUENO, do <i>Estado de S. Paulo</i> . . . . .	807
A DISSONANCIA, do prof. L. Chiaffarelli . . . . .	810
<b>LITERATURA</b>	
DEZESETE DE AGOSTO, de A. R. . . . .	816
O LIVRO, de A. R. de C. . . . .	817
<b>ENSINO CIVICO-LITERARIO</b>	
TIRADENTES, de Roberto Gonçalves e José Vieira Macedo. . . . .	819
<b>PELA IMPRENSA EXTRANGEIRA</b>	
ESCOLAS MATERNAES, de <i>The Practical Teacher</i> . . . . .	821
MOVIMENTO ASSOCIATIVO. . . . .	822
NOTICIARIO. . . . .	825
ANNUNCIOS	

# REVISTA DE ENSINO

---

*Vendem-se collecções encadernadas da REVISTA DE ENSINO pelos preços seguintes :*

Anno	I	—	2 grossos volumes	20\$000
„	II	—	1 grosso volume	14\$000
„	III	—	1 „ „	14\$000

---

## Licções de Instrucção Civica

Pelos Profs.

*Arthur Breves e Izidro Denzer*

1 volume cartonado 3\$000



**A' venda nas principaes livrarias**

